UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO CIÊNCIAS CONTÁBEIS E CIÊNCIAS ECONÔMICAS – FACE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPGADM

QUANTO VALE O SHOW? O PAPEL DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TALENTO NO RENDIMENTO DO TRABALHO EM ATIVIDADES CULTURAIS NO BRASIL

GOIÂNIA

2018

sistema de bibliotecas ufg

PRPG
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[x] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: MARIZÉLIA RIBEIRO DE SOUZA

Título do trabalho: QUANTO VALE O SHOW? O PAPEL DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TALENTO NO RENDIMENTO DO TRABALHO EM ATIVIDADES CULTURAIS NO BRASIL

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Marizélia Ribeiro de Souza
Assinatura do(a) autor(a)[2]

Ciente e de acordo:

Prof. Sandro Eduardo Monsa...
Professor Adjunto SIAPE 1698093
FACE/UFG

Assinatura do(a) orientador(a)[2]

Data: 07 / 05 / 2018.

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

[2] A assinatura deve ser escaneada.

MARIZÉLIA RIBEIRO DE SOUZA

QUANTO VALE O SHOW? O PAPEL DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TALENTO NO RENDIMENTO DO TRABALHO EM ATIVIDADES CULTURAIS NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Administração na linha de pesquisa: Administração Pública e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Eduardo Monsueto.

GOIÂNIA

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro de Souza, Marizélia
QUANTO VALE O SHOW? O PAPEL DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TALENTO NO RENDIMENTO DO TRABALHO EM ATIVIDADES CULTURAIS NO BRASIL [manuscrito] / Marizélia Ribeiro de Souza. - 2018.
LIX, 59 f.: il.

Orientador: Prof. Sandro Eduardo Monsueto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, , , Goiânia, 2018.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Economia da cultura. 2. Economia criativa. 3. Mercado de trabalho cultural. 4. Trabalho parcial. 5. Talento e profissionalização. I. Monsueto, Sandro Eduardo, orient. II. Título.

CDU 005

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Goiás - UFG
Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas
Programa de Pós-Graduação em Administração

UFG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

Aos 26 dias do mês de março de 2018, no horário de 14 horas e 00 minutos às 15 horas e 40 minutos, foi realizada, em sessão pública, na sala 2110 da FACE a defesa de dissertação *Quanto vale o show? O papel da profissionalização e do talento no rendimento do trabalho em atividades culturais no Brasil,* de autoria da discente Marizélia Ribeiro de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGADM da Universidade Federal de Goiás.

A Comissão Examinadora, constituída pelo Professor Sandro Eduardo Monsueto, da Universidade Federal de Goiás (UFG) (Membro Interno/Orientador), pela Professora Estela Najberg, da Universidade Federal de Goiás (UFG) (Membro Interno/Examinadora) e pela Professora Sibelle Cornélio Diniz da Costa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Membro Externo) emitiu o seguinte parecer:

Resultado Final:

☑ Aprovada

☐ Reprovada [i]

Recomendações:

Eu, Sandro Eduardo Monsueto, orientador da discente, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Sandro Eduardo Monsueto (Orientador/Presidente/PPGADM/UFG)

Estela Najberg

Profa. Dra. Estela Najberg (Examinadora Interna/PPGADM/UFG)

Sibelle Cornélio Diniz

Profa. Dra. Sibelle Cornélio Diniz da Costa (Examinador/Membro Externo/UFMG)

[i] Conforme estabelece a Resolução nº 001/2014 do PPGADM/UFG, caso o(a) discente não apresente desempenho satisfatório, na condição de "reprovado" terá direito a se submeter a apenas mais um exame de qualificação. A Comissão Examinadora estabelecerá um prazo para a realização de novo exame, e a nova data não poderá exceder a 90 (noventa) dias do primeiro exame.

MARIZÉLIA RIBEIRO DE SOUZA

FOLHA DE APROVAÇÃO

QUANTO VALE O SHOW? O PAPEL DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TALENTO NO RENDIMENTO DO TRABALHO EM ATIVIDADES CULTURAIS NO BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sandro Eduardo Monsueto
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Orientador

Profª. Drª. Sibelle Cornélio Diniz da Costa
(membro externo)

Profª. Drª. Estela Najberg
(membro interno)

“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.”

(Bertold Brecht).

AGRADECIMENTOS

Gratidão é o sentimento que tenho ao concluir mais este ciclo da minha vida. Tive ajuda e apoio de diferentes grupos de convivência, por isso, agradeço à Deus pelas bênçãos e forças concedidas desde o processo de seleção à defesa. Agradeço a meu orientador, Sandro Eduardo Monsueto, pelo incentivo, apoio, risadas e os momentos "psicólogo" quando as lágrimas foram derramadas, mas principalmente pelo fortalecimento da amizade na construção do trabalho. Deixo expresso aqui, o meu agradecimento aos professores do curso de pós graduação em Administração pelo conhecimento compartilhado. Também agradeço a professora Priscila Casari, pelas valiosas contribuições ao trabalho que foram dadas durante a disciplina de políticas públicas que participei como aluna especial. Aos professores Marcos Severo e Estela Najberg pelas contribuições e *insights* na banca de qualificação.

Além dos professores, externo aqui meus agradecimentos aos colegas e amigos que fiz nesse processo, de modo especial a Cecília Chaves, Edriene Sales e Daiane Lima. Também agradeço o cuidado, o carinho e a atenção dos colegas do grupo de pesquisa de economia, de modo especial, a Adriana Moura e o Matheus Dutra em ler e sugerir melhorias no trabalho. À professora Larissa, pela paciência em compartilhar seu gabinete conosco. Além desses grupos, que embora de diferentes núcleos, todos eles constituídos na universidade, agradeço à minha família pelo o apoio, a paciência e incentivo ao longo do percurso. Meus queridos amigos do "bonde dos economistas", Barbara Carrijo, Carlos Neto, Cristiano Oliveira, João Pedro Tavares, João Paulo Lopes, Leandro Cardoso, Marcos Eduardo Lauro e Sheilla Pires, amizade que começou na graduação de economia e continua fora dela, pela compreensão dos momentos que não pude estar junto, pelo ombro oferecido em momentos de angústia, pelas palavras de apoio, pela torcida e carinho em mais essa etapa. Por fim, agradeço a CAPES que foi a financiadora que me permitiu concluir essa fase.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da profissionalização e do talento no mercado de trabalho em cultura no Brasil. Para tanto são extraídos dados do Censo 2010 e, os cursos selecionados são aqueles que aplicam uma prova de habilidades específicas, que compõem a lista de formação dos cursos de nível superior no Censo. Estes testes são utilizados como uma *proxy* para talento dos trabalhadores do campo cultural. Além da formação específica, existem outros fatores não observáveis que influenciam na inserção e numa melhora do rendimento de trabalhadores no segmento de cultura, dentre eles, o talento. Ao verificar os determinantes da probabilidade de que um trabalhador volte sua força laboral para atividades culturais, em tempo exclusivo ou parcial, ou demais atividades produtivas se observa que ter uma formação específica no setor cultural, tende a aumentar seus rendimentos, sendo esse efeito maior para aqueles que trabalham integralmente com atividades artísticas. Na presente dissertação, é utilizada uma decomposição de Oaxaca (1973), com intuito de mensurar essa variável.

Palavras-chave: Economia da cultura, economia criativa, mercado de trabalho cultural, trabalho parcial, talento e profissionalização.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the role of professionalization and the job market talent in culture in Brazil. Therefore, the data is obtained from 2010 Census and the selected courses are those that apply specific skills test, that composes the list of the upper level courses in the Census. These tests are used as a *proxy* to the talent of the cultural field workers. When verifying the probability determinants that a worker put its labor force to the cultural activities, in exclusive or partial time, or other productive activities, it is observed that having a specific degree on the cultural department tends to increase their incomes, especially to those who work entirely with artistic activities. In addition to the specific training, there are other factors that cannot be observed which influence the insertion and improves the income of the workers in the culture segment, such as the talent. In this paper, it is used an Oaxaca analysis (1973), with the aim to measure this variable. Therefore, the graduation courses in the culture field that require specific skills test are used as *proxy*.

Keywords: cultural economy, creative economy, cultural job market, partial job, talent, professionalization.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas no modelo.....30
Tabela 2 – Efeitos marginais do modelo de probabilidade 37
Tabela 3 - Regressão de rendimento mensal 42
Tabela 4 - Decomposição de Oaxaca 47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Setores e subsetores que delimitam o campo cultural no Brasil 20
Quadro 2 - Síntese dos principais autores sobre economia cultural 28
Quadro 3 - Cursos superiores de formação em cultura. 33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Setores criativos – a ampliação dos setores culturais 17

LISTA DE SIGLAS

CAB - Convênio Andrés Bello

CEGOV - Centro de Estudos Internacionais Sobre Governo

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MinC - Ministério da Cultura

PIB – Produto Interno Bruto

SNC – Sistema Nacional de Cultura

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
CAPÍTULO 1 – ECONOMIA DA CULTURA 16
1. Fundamentação Teórica 16
1.1 Economia Criativa e Economia da Cultura 16
1.2 Mercado de Trabalho do Setor Cultural 21
1.3 Profissionalização *versus* Talento 24
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA 29
2.1 – A Base de Dados 29
2.1 Análise descritiva 30
2.2 – Probabilidade de Ocupação 31
2.3 – Regressões de Rendimento 32
2.4 – Decomposição de Oaxaca 34
CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES 36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 53

INTRODUÇÃO

Mercado de trabalho é um assunto estudado no contexto acadêmico no Brasil e no mundo devido às diversas possibilidades de análises como, por exemplo, desigualdades salariais por discriminação de raça ou gênero, impacto nas diferentes variáveis macroeconômicas devido ao nível de desemprego no país, impacto no salário de um trabalhador devido sua formação superior, dentre outros. Uma área do mercado de trabalho que vem sendo cada vez mais estudada é a economia ou indústrias da cultura e criativas, o que decorre do reconhecimento da importância que serviços criativos têm para a economia no âmbito internacional e nacional. Autores brasileiros têm realizado pesquisas que comprovam a relevância de serviços na área cultural para o PIB do país, o que significa impactos na geração de emprego e renda – Simis (2007), Tolila (2007), Procopiuck e Freder (2013), Santos (2014) e Oliveira *et al.* (2016).

Para Simis (2007), as políticas culturais fazem parte das políticas públicas, embora aquelas sejam tratadas com desinteresse pela maioria dos políticos, em virtude da falta de conhecimento e do preconceito em relação ao assunto. Segundo a autora, é papel do Estado propiciar que serviços de cultura sejam acessíveis por meio de formulação de políticas públicas. Da mesma forma, Durand (2001) defende que a participação do estado deve ser efetiva, seja por meio de financiamento direto, indireto, regulação ou como mero espectador daquilo que tem dado certo, em face dos benefícios que a indústria cultural traz, tais como a criação de empregos e neutralização de violências. Contudo, Sarriera *et al.* (2007), em uma pesquisa realizada com adolescentes de classe popular com a intenção de caracterizar o uso do tempo livre, identificam a falta de acesso a atividades de lazer e cultura. Carrijo *et al.* (2014), em uma análise do acesso a bens culturais por crianças matriculadas no ensino fundamental na região metropolitana de Goiânia, destacam que o perfil socioeconômico da família é fator determinante no acesso das crianças a atividades culturais. Desse modo, esta dissertação se justifica por se considerar que o investimento público no segmento de cultura é efetivo como política pública para impactar na geração de emprego e renda no setor. Importante destacar que essa é uma das facetas do tripé - expressão simbólica, cidadania e economia - das dimensões da cultura elencadas pelo Ministério da Cultura[1].

[1] Mais detalhes: MINISTÉRIO DA CULTURA. Programa cultural para o desenvolvimento do Brasil.

Em geral, autores tem observado que o mercado de trabalho de atividades artísticas tem algumas especificidades. Salientam, por exemplo, que há elevada informalidade, existência de múltiplos contratos e trabalho intermitente – Throsby (1994) e Casacuberta (2012). Além disso, nesse segmento a formação da renda é determinada de modo diferente do mercado de trabalho tradicional. Estudos que tratam do papel do capital humano, trazem que anos de educação formal impactam positivamente na renda do trabalhador – Becker (1962, 1975), Mincer (1974) e Menezes-Filho *et al.* (2012, 2016). Contudo, indivíduos que se dedicam a atividades artísticas não necessariamente aprendem sua profissão via estudo formal, mas sim, por intermédio do autoconhecimento, aliado ao dom que possuem. Na área criativa, o aprendizado é mais ligado ao autoaprendizado e ao talento ou "vocação" que aos anos formais de educação – Menger (2006), Bendassoli e Wood Jr. (2010), Ferreira Neto (2012), Serra e Fernandez (2014) e Virginio (2015).

Porém, apesar de o talento ser apontado como essencial nesse mercado, duas questões são de importante destaque. Por um lado, o fator talento é de difícil mensuração, não existindo um consenso de como captá-lo. Por outro lado, a existência desse elemento, não impede que esses indivíduos busquem por uma formação ou profissionalização da atividade, para aprimorar suas habilidades cognitivas. Neste sentido, Cunha (2011) discute a formação profissional no campo da cultura, enfatizando que se trata de uma profissão complexa, com desafios no processo de formação tanto no campo informal quanto acadêmico. Dessa forma, parece haver uma possível contradição entre profissionalização e talento.

Sendo assim, este estudo se assenta sob as perguntas: o fato de o indivíduo se profissionalizar impacta sobre sua capacidade de gerar rendimento em atividades culturais? Qual o papel do talento na remuneração destes indivíduos? Para tentar responder tais perguntas, o presente trabalho utiliza como *proxy* a formação superior em atividades culturais, tanto para mensurar a profissionalização, quanto para captar o talento. Este último, é mensurado com base na hipótese de que os testes de habilidades específicas que as universidades aplicam para cursos da área são capazes de medir, de alguma forma, habilidades natas do indivíduo. Por conseguinte, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel da profissionalização e do talento no mercado de trabalho em cultura no Brasil. Especificamente se pretende:

1 – Verificar os determinantes da probabilidade de se observar um trabalhador ocupado em atividades culturais, seja dedicação exclusiva ou parcial;

2 – Investigar os determinantes da remuneração de trabalhadores em cultura;

3 – Examinar se as possíveis diferenças salariais podem ser explicadas pelo fator talento e/ou pela profissionalização.

Com o intuito de cumprir os objetivos propostos é aplicado um modelo *logit multinomial*, para verificar a probabilidade de um trabalhador com formação superior se dedicar em tempo integral ou tempo parcial à atividade de cultura, ou às atividades não culturais. Além disso, o salário mensal é regredido em função de uma série de variáveis, dentre as quais, a formação específica em cursos tomados como culturais, para posteriormente se aplicar uma decomposição de Oaxaca (1973). Isso deve permitir separar e analisar os efeitos da profissionalização e do talento dos trabalhadores. Para tanto são utilizados dados do Censo Demográfico do ano de 2010, para uma amostra de trabalhadores com curso superior.

O presente texto se divide em mais três partes além desta Introdução. No primeiro capítulo, faz-se uma revisão da literatura, trazendo os principais conceitos e autores e, em seguida, são apresentadas análises especificamente do mercado de trabalho cultural. No segundo, explica-se a metodologia empregada. No terceiro capítulo, são exibidos e analisados os principais resultados obtidos, e, por fim são apresentadas as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – ECONOMIA DA CULTURA

1. Fundamentação Teórica

Este capítulo tem como objetivo trazer as nuances dos termos indústrias e economias criativas e cultural. Para tanto, apresenta-se uma revisão teórica acerca do mercado de trabalho no setor cultural e a desigualdade salarial entre os trabalhadores, apontando os principais determinantes indicados pela teoria do mercado de trabalho. A revisão teórica está dividida em duas etapas. Na primeira é feito um levantamento dos principais conceitos e autores sobre o tema, ao passo que, a segunda, traz autores que analisaram especificamente o mercado de trabalho cultural. Por fim, a última seção discute a respeito da possível relação entre profissionalização e talento.

1.1 Economia Criativa e Economia da Cultura

Para tratar do mercado de trabalho em cultura, primeiro, é preciso delinear o que é esse ramo e as atividades que o compõem, dado que não há distinção clara entre os termos economia ou indústria da cultura e economia criativa. Esse fato evidencia uma espécie de zona nebulosa na literatura tanto teórica quanto empírica a respeito destes temas, como mostra REIS (2008). Da mesma forma, Flach e Antonello (2011) argumentam que as diferenças de nomenclatura criam uma nebulosidade que dificulta estudos sobre o assunto, sendo necessário fazer um esforço para definir as duas áreas. Tal necessidade deve-se ao não consenso quanto ao significado de ambos os termos, o que gera dificuldades nos estudos e análises no setor (Machado *et al.*, 2014; Semensato, 2013; Corazza *et al.*, 2013; Barcellos, 2015; Marçal *et al.*, 2014; Oliveira *et al.*, 2016).

Parte da dificuldade em diferenciar economia cultural e criativa pode ser atribuída ao relativamente recente e esparso surgimento do tema como área de estudos. Nesse sentido, Benhamou (2007) acentua que o interesse dos economistas no campo das artes até metade do século XX era voltado apenas para a alta cultura, sendo que as questões abordadas tratavam de processos relativos à formação dos preços ou apenas curiosidades particulares. Além disso, Tolila (2007) enfatiza que a economia cultural é caracterizada pela dispersão, escassez e ausência de dados atualizados e pela dificuldade de amarrar os níveis da microeconomia e da macroeconomia.

O conceito de economia criativa, segundo Lima (2006), surge no final dos anos 1990 como uma nova definição do que se conhecia como economia da cultura, com o intuito de

abranger uma gama maior de atividades. Em geral, esse novo termo é atribuído a Howkins (2001), devido à afirmação do autor de que apesar das áreas criatividade e economia não serem campos novos, a relação entre elas se aproximam para, assim, criar uma área de estudos. Nessa mesma perspectiva, Reis (2008) aponta que economias culturais e criativas não se contrapõem, pelo contrário, se complementam. O *Atlas Brasileiro de Economia da Cultura* vai ao encontro dessa visão e afirma que "a indústria cultural, portanto, é vista como um subgrupo das indústrias criativas" (CEGOV, 2016, p. 63). No plano do Ministério da Cultura (MinC) na criação da Secretaria de Economia Criativa afirma que as atividades criativas compreendem as atividades culturais. Dessa forma, é possível considerar que a economia da cultura está inserida dentro da indústria criativa, sendo um subproduto desta última, conforme Figura 1.

Figura 1: Setores criativos – a ampliação dos setores culturais

Fonte: Ministério da Cultura, Plano da Secretaria da Economia Criativa (2014, p. 23).

Do ponto de vista histórico, um marco importante para a delimitação do campo de estudo é a criação de uma força tarefa na Austrália em 1994, diante da necessidade de implementação de uma política voltada para a requalificação do papel do Estado no desenvolvimento cultural daquele país (Cunningham, 2002). Newbigin (2010, p.19) frisa que o governo da Austrália, ao criar no mesmo ano um documento intitulado *Creative Nation*, alega que "uma política cultural também é uma política econômica". Até então, indústrias culturais abarcavam outras atividades além das artes, sendo designadas de indústrias criativas. Seguindo essa tendência, no ano de 1997 o governo recém-eleito no Reino Unido constituiu uma equipe de trabalho para realizar uma análise tanto das tendências de mercado quanto das vantagens competitivas nacionais, conforme é assinalado por Reis (2008). Nesse momento é

realizado um delineamento das atividades e de treze[2] setores que comporiam as indústrias criativas. Devido a essas circunstâncias, para Semensato (2013), economia criativa é vinculada à política pública, pois nasce em discursos políticos.

Newbigin (2010) salienta que houve grande admissão da expressão indústrias criativas por muitos países, assim como mudanças no sentido de retirar ou acrescentar setores relevantes de suas definições. Outra circunstância que diz respeito ao vocábulo, é o fato de alguns desejarem separar indústrias culturais tradicionais das indústrias criativas, sendo que a primeira seria composta por atividades incluídas nos campos da música, cinema, artesanato e, a segunda, teria um cunho mais tecnológico. Dentro dessa discussão, tendo em vista a tênue linha entre economia da cultura e criativa, bem como as distintas culturas e necessidades entre os países, a recomendação do *Convênio Andrés Bello* (CAB) é que a escolha dos setores ditos culturais seja realizada regionalmente, ratificando o que fora salientado por Newbigin (2010).

Ainda a respeito das nomenclaturas, para o relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2010), o conceito de economia criativa deve abranger os itens de criatividade, cultura, economia e tecnologia ao mesmo tempo. Além disso, argumenta que o termo deve ser tratado de maneira mais ampla do que o conceito de indústria cultural, uma vez que, considera não apenas a produção industrial do setor, mas também, outras áreas que atuam de maneira indireta na criatividade e na produção. Por outro lado, o *Relatório de Economia Criativa 2010* frisa que a concepção de indústrias culturais foi empregada como crítica ao entretenimento de massas realizado por membros da Escola filosófica de Frankfurt, pois, segundo os autores, cultura e indústrias dizem respeito a ideias opostas. Esse último documento evidencia o desconforto de artistas e intelectuais, frente aos termos economia e indústria cultural, afinal, para eles, a cultura transcende o monetário e, portanto, não pode ser vinculada a preços, e sim, ao valor, de difícil mensuração. Essa visão é reforçada por Flach e Antonello (2011), ao assinalarem que a expressão "indústria" não é bem-vista no campo da cultura, devido à simbologia que carrega, ou seja, indústria está ligada à ideia de fábricas, meios de produção e maximização de lucros.

Segundo Barcellos (2015), houve uma evolução quanto aos vocábulos abrangendo áreas que envolvem a criatividade, passando por indústria cultural, economia cultural, indústria criativa, chegando à economia criativa. Bianchi (2016) argumenta, também, que os conceitos passam por mudanças quando aplicados a diferentes áreas e/ou perspectivas.

[2] Os treze setores identificados foram: artesanato, arquitetura, artes cênicas, artes e antiguidades, cinema, design, editorial, moda, música, publicidade, *software, software* interativo e televisão e rádio.

Para Segers e Hujigh (2006), a ideia de economia criativa possibilita que sejam introduzidos aspectos econômicos às políticas culturais. Enquanto Lima *et al.* (2013) identificam duas classificações no que tange à economia da cultura, sendo que uma enfatiza a dimensão política e, outra cujo foco é na dimensão de política pública. Contrapondo essa visão, Reis (2008) salienta que economia da cultura não pode ser considerada política cultural, visto que não se propõe a definir os rumos governamentais e sim oferece todo aprendizado e o instrumental da lógica e as relações econômicas, do ponto de vista das relações entre criação, produção, distribuição, demanda e das diferenças entre valor e preço. Para essa autora antes de se discutir economia da cultura e seu potencial econômico, é necessário que exista um desenho claro de uma política pública baseada no contexto local. Em resumo, o delineamento do conceito de economia da cultura mostra a evolução e as transformações que o termo tem passado. Diante disso, é observado que economia criativa vem para abarcar um número maior de atividades que antes estavam fora do nicho. No entanto, aquelas que já estavam elencadas como culturais assim continuam. Ou seja, ocupações culturais compõem o rol de atividades criativas, ou ainda, podem ser definidas como um subcampo da economia criativa.

Análises específicas sobre o mercado de trabalho desses indivíduos são cada vez mais frequentes na literatura internacional e brasileira, sobretudo depois da conferência da UNCTAD na década de 2000 e com a difusão dos microdados de pesquisas domiciliares e pesquisas próprias para cultura. Para Wassal e Alper (1992), a partir da percepção do campo da economia cultural, os pesquisadores têm buscado compreender as características incomuns do mercado de trabalho para os artistas e, dessa forma, os estudos a esse respeito vêm avançado muito. Mais especificamente no Brasil, de acordo com Machado (2009), a discussão empírica sobre economia criativa e/ou cultura tem seu principal impulso no início da década de 2000 com a realização da XI Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), em São Paulo, e a criação do Centro Internacional das Indústrias Criativas em Salvador.

Segundo o CEGOV, as atividades selecionadas como culturais no Brasil podem ser encontradas na Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE: versão 2.0 –, sendo definidas como "atividades humanas, compreendidas em sua dimensão econômica, que criam, expressam, interpretam, preservam e transmitem conteúdo simbólico na produção de bens e serviços" (CEGOV, 2016, p. 71). A definição do CAB de setores e subsetores do campo cultural para América Latina acontece a partir da produção intelectual, seja ela individual ou coletiva; sendo ou não protegida por direitos autorais; com alicerce tangível e intangível; comercial ou gratuito; contando com produção para circular e ser difundida.

Nesse seguimento, o próximo subcapítulo realiza um levantamento de trabalhos que tratam do mercado de trabalho dos profissionais que se dedicam a atividades do segmento cultural. O presente trabalho adota a segmentação das profissões mais atuais, apresentadas no Quadro 1, seguindo as divisões em setores e subsetores culturais assumidas pelo CEGOV.

Quadro 1 - Setores e subsetores que delimitam o campo cultural no Brasil

Setor	Subsetor
1. Criação Literária, Musical, Teatral, etc.	Criação literária
	Criação musical
	Criação teatral
	Criação audiovisual
2. Artes Cênicas e Espetáculos Artísticos	Teatro
	Dança
	Apresentação que articulem dança, teatro e música
	Outras formas de artes Cênicas (circo, pantomima, narração, declamação, etc.)
	Interpretação por meios alternativos (audiovisuais, plásticos)
	Apresentações musicais ao vivo
3. Artes Plásticas e Visuais	Fotografia
	Pintura
	Escultura
	Arte industrial
	Artes gráficas, ilustração
4. Livros e Publicações	Livros
	Publicações Periódicas
	Outros produtores editoriais (partituras, cartões postais, posters e calendários)
5. Audiovisual	Cinema e vídeo
	Rádio
	Televisão
	Multimídia
	Jogos eletrônicos
6. Música	Edição de música
	Produção Fonográfica
7. Design	Arquitetura
	Gráfico
	Têxtil
	Moda
	Industrial
	Interativo
	Jóias
8. Jogos e brinquedos	Jogos e brinquedos
9. Patrimônio Material	Imóvel (centros históricos, monumentos históricos, patrimônio arqueológico)
	Móvel (antiguidades, quadros históricos, etc.)
	Bibliotecas
	Museus e objetos de coleção pública ou privada
	Arquivos (filmes, documentos e outros repositórios)
10. Patrimônio Natural	Reservas naturais
	Jardins botânicos e zoológicos
	Coleções de zoologia, mineralogia e anatomia
11. Patrimônio Imaterial	Gastronomia e tradições culinárias locais
	Tradições vernáculas
	Artesanato indígena, tradicional e contemporâneo
	Outras tradições e expressões orais
	Línguas e dialetos
12. Formação cultural	Formação artística dentro do programa de educação geral
	Formação artística especializada
	Formação na manutenção de patrimônios, museologia, etc.

Fonte: CEGOV (2016, p. 69).

1.2 Mercado de Trabalho do Setor Cultural

O mercado de trabalho cultural é uma temática relativamente nova, sendo Baumol e Bowen (1966) os pioneiros a realizar uma pesquisa na área. Os autores analisam os dados acerca dos custos de espetáculos ao vivo, com o intuito de identificar os motivos que estavam levando a uma redução na rentabilidade dos teatros tradicionais nos Estados Unidos. No âmbito da literatura internacional, cita-se, ainda, os estudos realizados por autores como, Throsby (1994), Alper e Wassall (2006), Markusen *et al.* (2008), Benhamou (2007), Casacuberta (2012) e Popovic *et al.* (2013). De maneira geral, esses trabalhos ressaltam a presença de elevada informalidade entre os trabalhadores do setor. Além disso, avaliam os efeitos de anos de educação formal sobre o rendimento destes.

No Brasil, o tema é ainda mais recente. É possível destacar autores como Segnini (2008, 2015, 2016), Machado *et al.* (2011), Ferreira Neto *et al.* (2012), Machado *et al.* (2014), Cunha (2016), Arruda (2016), Kefler (2016) e Semensato (2013), que tratam em seus estudos sobre o mercado de trabalho em cultura. Apesar da escassez de dados específicos para atividades culturais no país, esses pesquisadores, em sua maioria, utilizam os dados provenientes de pesquisas domiciliares, tais como Censo Demográfico, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e Pesquisa Mensal de Emprego (PME).

De modo geral, os autores nacionais e internacionais observam que o setor cultural possui algumas especificidades e, evidenciam diferenças em relação ao mercado de trabalho tradicional. Para Souza e Carrieri (2013), por exemplo, a lida artística difere de ocupações não artísticas, pois a produção de um trabalho voltado para as artes tem caráter simbólico e não somente – e por vezes nem o tem – econômico. Já empregos não artísticos, normalmente, têm caráter primordialmente econômico. Ademais, uma característica importante destacada por Diniz (2009) é que nos mercados não culturais, o uso intensivo de tecnologia gera ganhos de produtividade e reduz custos. Em contrapartida, em manifestações culturais como teatro, circo e concertos, o mesmo não ocorre e, por isso, há gastos mais elevados, pois, é impossível haver reproduções infinitas de um espetáculo, dadas as limitações do ser humano, como desgaste e fadiga. E ainda, existem gastos de cenários, remuneração de artistas consagrados por curtos períodos e a impossibilidade de se praticar preços cada vez mais altos nesse setor.

Na acepção da presença de informalidade como uma característica das profissões do campo cultural, o *Atlas Brasileiro de Economia da Cultura* salienta que as condições de trabalho no setor cultural são marcadas por vínculos não formais, o que impossibilita o acesso a benefícios concedidos a trabalhadores que possuem tal vínculo. Da mesma forma, Segnini

(2008), ao analisar os vínculos sociais observados no mercado e nas relações de trabalho em arte, destaca que a informalidade é elevada entre os trabalhadores do setor. Com foco em música e dança, é feito um paralelo entre Brasil e França, em que identifica, por meio de dados institucionais, entrevistas, observações etnográficas de ensaios e espetáculos num período de quatro anos. Um dos motivos apontados para explicar o fenômeno é como se dá a organização do mercado de espetáculos ao vivo, em que as contratações ocorrem adequando-se às necessidades de cada projeto. No entanto, mesmo em número reduzido, há formas estáveis e permanentes de relações de trabalho nesse campo.

Nesse sentido, Yúdice (2007) aponta que a maior parte dos trabalhadores da área cultural atua na informalidade e, além do emprego ser irregular é também mal pago, essas condições impossibilitam que os trabalhadores tenham acesso a importantes benefícios públicos e sociais. Segundo o autor, tal situação traz altos custos sociais e é responsabilidade do Estado e do terceiro setor delinear políticas para mudar essa realidade. Do mesmo modo, Benhamou (2007) faz uma análise do mercado de trabalho cultural e avalia as questões relacionadas à contratação, carreira artística, salários e rendimentos. A autora conclui que, nesse segmento, as formas de emprego são diferenciadas devido à presença de múltiplos contratos, predominância de contratos temporários, descontinuidade no trabalho, expectativa indefinida na carreira e oscilações no rendimento.

Machado *et al.* (2014) fazem uma análise do mercado de trabalho cultural nas regiões metropolitanas[3] a partir dos dados da PME no período de 2002 a 2010, por meio de um modelo de probabilidade e uma equação de salário. Os resultados da pesquisa apontam que os trabalhadores do setor cultural estão dispostos a trabalhar mais horas quando comparados a empregados do segmento não cultural, segundo os autores, em razão do prazer que encontram no desempenho de suas atividades. A partir da equação de salários os pesquisadores identificam que as mulheres ganham relativamente menos do que os homens e, negros ganham menos do que brancos. Os ganhos também tendem a aumentar à medida que a idade e o nível de educação aumentam, e trabalhadores formais obtêm ganhos mais elevados quando comparados com os informais, assim como é no mercado de trabalho como um todo. Ademais, o aumento das despesas públicas *per capita* com o setor cultural aumenta a renda dos trabalhadores com ocupações artísticas.

Segnini (2015) analisa o campo da música e, com base em um levantamento de dados na PNAD do ano de 2012, afirma que o segmento de artes e espetáculos, é composto

[3] As regiões metropolitanas estudadas pela PME são: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

predominantemente por homens brancos que possuem alto grau de formação. Além disso, em sua maioria, não são sindicalizados e não contribuem para a Previdência. A autora destaca ainda que, assim como no mercado não-cultural, na área musical há dificuldades para mulheres. Valendo-se de algumas entrevistas, fica evidenciada a necessidade da mulher se dedicar à família e a tarefas domésticas, afora as questões ligadas à dificuldade de fazer turnês, em detrimento de passar mais tempo com a prole, enquanto os homens entrevistados não fazem qualquer menção a tais fatos.

Dentre as demais especificidades do mercado de trabalho em cultura destacadas pela literatura, é possível citar dois fatores em particular. A primeira é o papel que o talento ou vocação possui no desempenho dos trabalhadores do setor, no sentido de que elementos como habilidades cognitivas e dom parecem possuir maior relevância que anos de educação formal. A segunda característica relevante é a tendência de se observar a existência de uma dupla ou tripla jornada de trabalho entre esses trabalhadores. Ou seja, múltiplos contratos, sendo que com frequência um deles é em atividades não culturais (CASACUBERTA, 2012).

Com relação a este último fenômeno, do ponto de vista teórico, Shishko e Rostker (1976) foram os primeiros a realizar um estudo econômico sobre o segundo emprego ou pluriatividade, definindo a existência de um mercado secundário pela ocorrência de um indivíduo que atua em duas ou mais atividades profissionais. Dentre os determinantes da oferta de mão de obra no segundo emprego, os autores destacam o salário oferecido pela ocupação secundária, o tamanho da família, a quantidade de horas que serão necessárias neste segundo emprego e a idade do trabalhador. Shishko e Rostker (1976) concluem que um aumento de salário na atividade principal reduz as horas dedicadas a uma atividade secundária. Fazendo uma analogia com o mercado de trabalho cultural a partir da conclusão destes autores, é possível afirmar que, à medida que os ganhos do trabalhador em sua atividade artística aumentam, o tempo que ele destina a outras atividades deve se reduzir.

Também avaliando segundo emprego, Dillen (2014) salienta que a existência de múltiplos contratos de trabalho no segmento artísticos é algo frequente. Entretanto, nem sempre ambas as atividades são no mesmo setor. Ou seja, é dedicado a alguma atividade artística, enquanto outra parte desse tempo é destinado a uma atividade formal tradicional. Do mesmo modo, Popovic *et al.* (2013) afirmam que no meio artístico a propensão a trabalhar em mais de um emprego é maior quando comparada a outras atividades. Isso ocorre principalmente no início da carreira, porque o ganho não é suficiente para suprir as necessidades básicas do indivíduo, o que o leva a desenvolver atividades fora do meio artístico para complementar a renda. No entanto, os resultados mostram que o tempo

despendido para atividades artísticas é maior que aquele destinado a atividades não artísticas, evidenciando ser esta a atividade principal. Os autores afirmam, ainda, que, nesse meio, há grandes diferenças de rendimentos e desigualdades, e alguns fatores, tais como prática e experiência, influenciam mais nos ganhos pecuniários que a educação formal, como é comum no mercado de trabalho geral. No entanto, os ganhos de artistas em empregos não artísticos são altamente influenciados por sua educação formal artística.

No que diz respeito à questão da vocação no mercado de trabalho em economia cultural, além da falta de consenso sobre como considerar este elemento, parece haver na literatura empírica uma contradição entre o papel do dom, ou habilidades natas do indivíduo, e a necessidade de se obter uma profissão por meio da educação formal. Se de um lado, autores como Menger (2006) e Casacuberta (2012) mostram evidências de que elementos relacionados ao talento individual podem ser mais importantes para explicar a formação de salários do que o capital humano acumulado por anos de instrução, há também, por outro lado, os que destacam que a obtenção de educação formal pode atuar como importante sinalizador para o mercado, uma vez que esta denota a profissionalização. Neste sentido, a próxima seção abre espaço para a discussão sobre o papel que o talento e a formação superior específica em áreas de cultura, tais como artes e arquitetura, podem ter sobre os rendimentos obtidos no mercado de trabalho do segmento.

1.3 Profissionalização *versus* Talento

No que diz respeito à questão da vocação, em economia cultural, toma-se como referência o estudo de Throsby (1994), para definir como artistas ofertam sua mão de obra, tanto em trabalhos artísticos quanto nos demais setores. O autor comprova, por meio de equações mincerianas, as diferenças decorrentes do talento, para explicar os rendimentos recebidos por trabalhadores nesse setor. Segundo o pesquisador, o fator tende a contestar a teoria tradicional de formação da oferta de trabalho, que presume a ineficiência das atividades desse setor. De acordo com Throsby (1994), além dos ganhos monetários, o artista também extrai utilidade quando executa trabalhos no segmento cultural, o que o leva a renunciar a outras ocupações que, por vezes, oferecem melhores salários, para dedicar-se ao trabalho artístico, desde que seus ganhos sejam suficientes para adquirir uma cesta mínima de consumo.

Complementando essa visão, Casacuberta (2012) propõe um modelo que vai de encontro à teoria tradicional de escolha do consumidor, em que a alocação de tempo é feita

entre trabalho e lazer. Para o autor, o trabalho artístico é visto como lazer e existem características observáveis que definem o ganho de um trabalhador do segmento cultural, inclusive a educação artística recebida. No entanto, também há fatores não observáveis que são fundamentais no ganho do trabalhador em cultura, tais como o talento ou o "efeito bilheteria"[4]. Por outro lado, Virginio (2015) afirma que é necessário ver a arte como profissão para pensar no artista como profissional. Para tanto, é preciso analisar tanto as condições inerentes ao profissional quanto as condições desse mercado de trabalho especificamente.

Dentre as características vinculadas a atividades que são consideradas criativas, são destacadas a inventividade e a vocação de cada pessoa para trabalhar em atividades culturais. Menger (2006), por exemplo, salienta que o ganho monetário de um artista não está necessariamente relacionado com sua educação artística formal, ainda que seu salário do trabalho não artístico seja influenciado por essa formação. Para o autor, os salários de um artista e os preços de suas obras são uma função do capital humano acumulado que, contudo, não necessariamente é resultado de uma educação formal. Além da instrução regular, pode-se adquirir capital humano por meio de prática, experiência anterior e habilidades cognitivas, sendo, esses últimos, de relevância maior que o investimento em anos formais de estudo.

Apesar das diversas definições existentes, as habilidades cognitivas podem ser entendidas neste contexto como algo nato ao indivíduo, dom, vocação ou talento, embora possam ser aprimoradas ao longo da vida. De acordo, com Heckman (2008), da mesma forma que as características produtivas observáveis, as habilidades cognitivas e, portanto, a capacidade do indivíduo em transformar seu talento em rendimento, também podem depender do contexto familiar e das condições socioeconômicas. Nesse mesmo sentido, Virginio (2015) alega que embora a formação superior seja importante, é fundamental que o indivíduo possua qualidades artísticas. O autor defende essa tese, a partir de uma análise que realiza a respeito da formação em música. Ademais, frisa que, normalmente, esses indivíduos são desvendados como talentos nas escolas desde cedo e, não necessariamente numa formação superior. Ainda enfatiza que o fator experiência pesa mais na formação do artista do que os anos de estudos na área, e que o diploma nada acrescenta quando se fala em termos artísticos.

Flach e Antonello (2011) buscam responder à pergunta, "quais são os processos de aprendizagem que permeiam o desenvolvimento de profissionais que trabalham em organizações que atuam no setor cultural e das artes?". Os estudiosos argumentam que o processo de aprendizagem formal não é absoluto e está muito aquém de ser o principal em

4 Efeito bilheteria é a alavancagem que um "pop star" pode trazer para a venda de ingressos.

atividades culturais, razão por que são empregados métodos informais no sentido *learn by doing*, que normalmente ocorre com alguém que já é do meio. Nesse sentido, Barth e Pinheiro (2016) realizam uma pesquisa com pessoas que trabalham na área criativa, onde as atividades culturais estão incluídas. Nessa pesquisa são abordados itens úteis para o desenvolvimento do talento desses profissionais. O resultado evidencia que as trocas de experiências, por meio de cursos superiores, cursos livres, congressos, seminários, *workshops*, estágio e intercâmbio entre aqueles que são da mesma área são essenciais. Nesses momentos ocorre o desenvolvimento técnico, que já foi evidenciado que são fatores relevantes para a formação, não necessariamente formal, desses artistas e possibilitam que adquiram experiência e aperfeiçoem suas técnicas, indo ao encontro do que é salientado nos estudos de mercado de trabalho cultural.

Keller (2007) em sua pesquisa sobre inserção dos trabalhadores no segmento da moda, salienta que o talento e a criatividade são fatores importantes, mas também não é suficiente para explicar o sucesso dos profissionais. Além disso, a maneira como esse trabalhador se insere e como é sua permanência no mercado são diferenciais. Por conseguinte, para Becker (2010), são poucos os artistas que chegam ao patamar de reconhecimento e, embora seu talento seja visível, são necessários outros fatores para que se chegue a tal ponto. Borges (2008) acentua que há múltiplas respostas para explicar o porquê de alguns conseguirem sucesso e outros não, mesmo que todos possuam talento. Para o autor, uma possível resposta é preencher os quesitos que satisfaçam os consumidores e o seu desejo de novidade e novas experiências.

Borges (2003) explica que as profissões de atores e bailarinos, em Portugal, têm alto grau de incertezas e de risco, chamando atenção para a idade de inserção desses artistas no mercado de trabalho. É salientado que a probabilidade de uma atriz conseguir um papel é maior quando é mais jovem, ao passo que no segmento da dança, os trabalhos são ofertados mais tarde, em virtude do tempo de formação necessária. O autor enfatiza ainda que, “a formação formal é cada vez mais um passo na profissionalização” (Borges,2003, p.114) das atividades do segmento cultural e tem a função de auxiliar o desenvolvimento técnico, da capacidade e da criatividade dos artistas.

Embora, no geral, os estudos no campo cultural apontem elementos como vocação, dom e talento como o papel norteador da profissionalização do artista, para Segnini (2016) essa análise é incompleta e, por vezes, equivocada. Segundo a autora, há um processo de formação árduo, contínuo e não homogêneo desses profissionais, a despeito seus respectivos talentos e que, além disso, não necessariamente está vinculada a uma formação superior. A

pesquisadora realiza um levantamento por meio de dados institucionais e entrevistas com artistas da dança, artes visuais e música do programa "Rumos" do Itaú Cultural entre os anos de 2008 a 2010. A autora evidencia a relevância do Estado como legitimador dessas profissões e a importância de seu papel na formação dos artistas. É salientada, ainda, a relevância do "artista formador", não necessariamente um professor, e o constante aprimoramento dos trabalhadores do segmento. O ensino superior é reconhecido como relevante pelos entrevistados, mas não é apontado como indispensável na capacitação artística. Outro aspecto enfatizado pela escritora, é a obtenção de diploma em áreas não culturais, para, assim, atender a demanda da família do indivíduo possuir uma formação "séria", pois viver da arte é algo visto como penoso, se não impossível no Brasil. Essa afirmação ratifica os dados e estudos sobre o mercado de trabalho dos artistas, que, constantemente, dedicam parte do seu tempo a outras atividades que não culturais e parte em trabalhos culturais.

Arruda (2016) aponta crescimento no número de cursos e de matrículas, nas modalidades licenciatura e bacharelado e também no nível de pós graduação denotando que artistas estão em busca de se posicionar como profissional no segmento de cultura perante a sociedade, dado o entendimento de que a garantia de um rótulo de profissão é um diploma de curso superior. A autora destaca que no ano de 2009 houve um crescimento acentuado na criação de cursos e, consequentemente, as matrículas nos cursos de música e artes cênicas também expandiram. A obrigatoriedade do ensino de música no ensino fundamental, a partir do ano de 2008, e os recursos advindos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni[5]) podem ser as possíveis causas deste crescimento. Na pós-graduação, houve um aumento de 254% no número de mestrandos em cursos da área de artes e de 971% no doutorado, sendo um possível motivo para esse movimento ascendente, o fato de a titulação requerida para ser professor em uma universidade pública ser a de doutor, na maior parte dos casos.

O fato de possuir tais atributos não excluem a necessidade, ou ainda, o desejo de alguns artistas aprimorarem seus conhecimentos via escolaridade, e essa formação por meio de um curso de graduação precisa combinar "criatividade e capital intelectual", ou seja, talento e aprimoramento a partir da profissionalização como destacam Segnini e Souza (2007). Nesse mesmo caminho, Serra e Fernandez (2014) assinalam que "o papel da criatividade e dos talentos individuais" está sendo estudado pelo fato de esse campo estar

[5] Para mais informações: http://reuni.mec.gov.br/

relacionado à economia criativa. Nascimento (2007) procura responder "o que é profissionalismo, qual é a maneira que este é estruturado numa sociedade e como se legitima perante a sociedade?" O autor afirma que a profissionalização está ligada a uma *expertise*, ou seja, o domínio sobre uma atividade. Esse domínio é adquirido de modo formal num ensino superior, legitimado pelo Estado. Entretanto, a *expertise*, também pode ser obtida de outra maneira, que seria por meio da prática ou experiência no mercado que, nesse caso, o autor denomina como ofício. Ou seja, para ser reconhecido como profissional de uma determinada área é necessária uma instrução formal, e quando ocorre o processo de aprendizagem pelo método *learn by doing* trata se do ofício.

Dada a revisão da literatura apresentada, é apresentada no Quadro 2 uma síntese da profissionalização e talento no campo da economia cultural. Ademais, no presente trabalho, é esperado verificar se a existência de habilidades cognitivas, tais como talento e aptidão para as artes, são fatores determinantes para que o profissional do segmento de cultura tenha dedicação exclusiva. Para tanto, o presente trabalho utiliza testes de habilidades específicas exigidos para cursos da área cultural como *proxy* de habilidades cognitivas. Assim, a amostra é composta apenas de indivíduos com formação superior. Uma vez que os objetivos do trabalho foram definidos, o próximo capítulo exibe a base de dados utilizadas e a técnica estatística empregada. Além disso, será explicada a metodologia aplicada para verificar a formação e a atuação profissional no segmento de cultura nas regiões metropolitanas do país.

Quadro 2 - Síntese dos principais autores sobre economia cultural

Autor	**Principais conclusões**
Bendassoli e Wood Jr. (2010)	Assinalam que o aprendizado é mais ligado ao autoaprendizado e ao talento.
Cunha (2011), Simis (2007)	Discutem a formação profissional como política pública e afirmam que esta é tratada com desinteresse, em virtude da falta de conhecimento e do preconceito que existe em relação ao assunto.
Bendassoli e Wood Jr. (2010) e Ferreira Neto (2012), Serra e Fernandez (2014)	O talento/vocação é o principal fator para trabalhar com atividades tomadas como criativas.
Casacuberta (2012).	O trabalho é visto como lazer.
Throsby (1994), Alper e Wassal (2006), Markusene *et al.* (2008), Benhamou (2007), Casacuberta (2012), Popovic *et al.* (2013).	Apontam que o setor possui um alto índice de informalidade e que formação tem efeitos nos rendimentos dos trabalhadores no segmento cultural.
Virginio (2015)	Destaca que, para ver o artista como profissional, é necessário pensar na arte como profissão.
Borges (2003), Segnini (2016), Arruda (2016)	Apontam em seus estudos que a formação superior, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, tem crescido.

Fonte: Elaboração própria.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Dada a discussão anterior, este capítulo tem por objetivo apresentar a estratégia econométrica utilizada para captar o papel da formação em cultura, além de outros elementos, sobre a remuneração das atividades deste setor. Além disso, os rendimentos dos trabalhadores culturais são comparados entre si, segundo a dedicação exclusiva ou não ao segmento, e entre a mão de obra empregada nos setores ditos tradicionais da economia.

De forma sintética, o método está dividido em três etapas, de modo a atender a cada um dos três objetivos específicos delimitados. A primeira etapa consiste na estimação de um modelo para verificar a probabilidade de se observar um trabalhador ocupado em uma das três situações possíveis: em cultura com dedicação exclusiva; em cultura apenas parte do tempo; e em outras atividades não culturais. Este modelo é estimado com o uso de um *logit multinomial*. A segunda parte consiste na estimativa de equações mincerianas de rendimentos para cada um dos três grupos mencionados, utilizando como principal variável explicativa a existência ou não de formação superior em áreas específicas de cultura. Por fim, a terceira etapa emprega uma decomposição de Oaxaca para comparar a renda auferida nas três modalidades de ocupação. Com isso, espera-se que o modelo consiga fornecer evidências sobre o impacto tanto da profissionalização como também do talento do trabalhador cultural.

2.1 – A Base de Dados

Essa seção apresenta a base de dados empregada para avaliar o mercado de trabalho cultural. Antes disso, cabe dizer que o Centro de Estudos Internacionais do Governo (CEGOV) aponta a importância do uso de estatísticas fornecidas por órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São exemplos desse tipo de dados a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Outra possibilidade seria utilizar questionários, ou seja, dados primários, para fazer análises quantitativas e socioeconômicas no setor cultural, alternativa essa que se mostra custosa e pouco abrangente.

Assim, os dados utilizados nessa dissertação são extraídos do Censo Demográfico 2010, de onde é possível obter informações sobre a formação e ocupação de um indivíduo. Ressalta-se que o recenseamento é organizado pelo IBGE e, investiga, também, outras características gerais da população brasileira, tais como idade, rendimentos e aspectos habitacionais. A base de dados aqui empregada se restringe a pessoas com idade acima de 18 anos que estavam ocupadas na semana de referência, e com informações completas para as

variáveis utilizadas na análise. Tendo em vista que o papel da formação profissional sobre a formação dos salários ou rendimentos do setor cultural é um dos principais efeitos de interesse da presente análise, a amostra se restringe apenas às pessoas com ensino superior completo. Isso deve fornecer maior homogeneidade e maior facilidade para se considerar os efeitos da formação em cultura.

2.1 Análise descritiva

Na tabela 1 são apresentadas as estatísticas descritivas que trazem as informações de modo conciso a respeito da amostra. Em que se observa que esta é composta por 61% de mulheres, evidenciando que são maioria com nível de educação superior. Além disso, pessoas de cor branca são maioria o que denota que estes são maioria a ingressar no ensino superior. A variável de pós graduação se destaca devido ao baixo percentual apresentado, indicando que das pessoas que possuem ensino superior menos de 5% têm pós graduação. Outro destaque dentre as variáveis da tabela de estatística descritiva é renda, que mostra uma discrepância elevada entre o menor e maior rendimento. Essa discrepância apresenta ainda um desvio da média de aproximadamente R$ 4.110,00.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas no modelo

Variáveis	Observação	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Gênero	255098	39,61%	-	-	-
Cor	255098	68,58%	-	-	-
Chefe	255098	45,47%	-	-	-
Pós Graduação	255098	4,51%	-	-	-
Casado	255098	32,31%	-	-	-
Renda não trabalho	255098	7,90%	-	-	-
Idade	255098	36,71	8,17	18	92
Renda	255098	2720,962	4107,49	1	330000

Fonte: Elaboração própria com dados do Censo.

A amostra utilizada na presente dissertação é de 255.098 pessoas, sendo que o nível de instrução mínimo destas é a graduação. A amostra está dividida em trabalhadores que se dedicam em período integral a atividades culturais, aqueles que voltam apenas parte do tempo a atividades desse segmento e trabalhadores de outras áreas que não cultura. Sendo que o primeiro grupo em termos absolutos têm 2.287 pessoas, o segundo grupo é composto por 336 trabalhadores e o último grupo têm 252.475 indivíduos. Essa segmentação mostra que a proporção de pessoas com ensino superior que se dedicam às atividades artísticas é bem

menor que aquelas que laboram em outros setores. Dando continuidade ao trabalho, a próxima etapa estima a probabilidade de se observar um trabalhador ocupado no setor de cultura.

2.2 – Probabilidade de Ocupação

No geral, pesquisadores em economia cultural apontam instabilidade e precariedade nas relações de trabalho, em que são destacados os múltiplos contratos e, por isso, é possível separar os ocupados no setor em dois grupos. O primeiro é formado por aqueles indivíduos que se dedicam exclusivamente a atividades culturais, denominados por Casacuberta (2012) de trabalhadores *full time.* Em contraposição, para o segundo grupo, as atividades relacionadas à economia da cultura, são secundárias, ou seja, estas pessoas possuem um emprego no mercado de trabalho tradicional e uma outra ocupação em cultura. Estes últimos são os denominados trabalhadores *part time*, ou a oferta de mão de obra secundária dos modelos de Throsby (1994) e Casacuberta (2012). Importante mencionar que o IBGE não diferencia as ocupações no caso do indivíduo possuir uma segunda ocupação, e sim menciona apenas a atividade principal. Logo, mesmo sendo a tempo parcial, a atividade captada é a ocupação principal do indivíduo. Além disso, há um terceiro grupo, composto por trabalhadores não culturais, que se dedicam a outras atividades que não fazem parte do segmento cultural.

Nesse sentido, o presente trabalho toma como base a classificação dos setores e subsetores que delimitam o campo cultural no país, segundo o CEGOV, apresentados no Quadro 1. A partir das profissões elencadas no referido quadro, são filtradas o rol de atividades por meio dos códigos de profissão do IBGE nos anexos do Censo e estão apresentadas no Apêndice 1.

Como já mencionado, o modelo tem como objetivo determinar a probabilidade de se observar um trabalhador ocupado em cada uma das situações descritas anteriormente. Para isso, é adotada uma variável dependente Y com três repostas: (Y=0) dedicação exclusiva ao setor cultural; (Y=1) com mais de um contrato, sendo que parte do tempo é alocado em atividades culturais; e (Y=2) dedicação exclusiva a atividades não culturais. É aplicado um modelo *logit multinomial*, uma expansão das regressões tradicionais de escolha binária de modo a incluir múltiplas opções da variável resposta. De outro lado, as variáveis explicavas selecionadas abrangem características individuais, domiciliares e regionais. O modelo a ser estimado é determinado por:

$$Prob\ (y = j) = f\ (g\hat{e}nero, cor, idade, casado, conjuge, filhos, chefe, menores, outras_fontes_de_renda, retorna_diariamente, naturalidade \sum categorias) \quad (1)$$

Dentre as variáveis que dizem respeito às características individuais, estão inseridas no modelo gênero, cor, idade, estado civil, cônjuge, filhos, chefe e menores. Em relação às características domiciliares estão outras fontes de renda, retorna diariamente e naturalidade e no que diz respeito às características do tipo de contrato estão inseridas as categorias que dizem respeito ao tipo de contrato que o trabalhador está submetido. Sendo que *gênero* é uma binária de valor 1 para homens e 0 para as mulheres; *cor* se refere a uma dicotômica para diferenciar trabalhadores brancos e não brancos, em que é atribuído valor 1 para brancos e 0 para não brancos; *idade* é a idade, em anos, dos indivíduos; *casado* é uma variável de valor 1, para quem for casado e 0 caso contrário, *cônjuge* que recebe valor 1 quando é o cônjuge e 0 caso contrário, *filhos* que é atribuído valor 1 quando a pessoa de referência tem filhos e 0 caso não tenha, *chefe* é uma *dummy* de valor 1, para a pessoa de referência da unidade familiar e 0 em caso contrário, a binária *menores* que indica existência de crianças dependentes financeiramente daqueles que contribuem com a renda da família, sendo atribuído valor 0 caso não haja pessoas menores de 10 anos no domicilio e 1 se houver. A renda proveniente de outras fontes que não o trabalho, tais como, alugueis, herança, dentre outros, é identificada no modelo pela variável *outras fontes de renda*, em que é atribuído valor 1 se houver renda proveniente de outras fontes e valor 0 se não houver. A variável *retorna diariamente* de valor 1 para aqueles que voltam a seus lares após um dia de trabalho e 0 caso contrário e *naturalidade* que é uma *dummy* de valor 1 quando a pessoa é nascida na cidade em que ocorre a pesquisa e 0 quando oriundo de outra cidade. Por fim, c*ategorias* representa um conjunto de binárias que captam o tipo de relação de trabalho do indivíduo (carteira assinada, funcionário público, trabalhador sem carteira, autônomo e empregador, em que a primeira categoria é tomada como referência).

2.3 – Regressões de Rendimento

Na segunda etapa do trabalho são estimadas três equações de rendimentos. A primeira para os indivíduos ocupados no setor cultural em tempo integral, a segunda para aqueles que se dedicam em tempo parcial e a última para as pessoas ocupadas em atividades não culturais. Embora a literatura sobre mercado de trabalho utilize tradicionalmente rendimento hora como referência, nessa pesquisa é utilizada a remuneração mensal. Essa escolha se deve às peculiaridades do setor cultural, sobretudo, o fato de que os ganhos artísticos podem não ser lineares com as horas dedicadas a uma ocupação no setor cultural

(CASACUBERTA, 2012). Ademais, são usadas as variáveis clássicas de uma equação minceriana[6] como fatores explicativos.

$$\ln(sm) = \beta_0 + B_{1\ formaçao_em_cultura} + B_{2\ pós-graduação} + B_{3\ gênero} + B_{4\ cor} + B_{5\ idade} + B_{6\ idade^2} + B_{7\ chefe\ de\ domícilio} + B_{8\ categorias} + B_{9\ estrangeiro} + B_{10\ regiões} \quad (2)$$

A variável *formação_em_cultura* é o principal fator que se deseja captar no modelo e, possui valor 1 se o indivíduo possui formação superior em alguma área classificada como cultural e, assume valor 0 caso contrário. Da mesma forma, *pós graduação* recebe valor 1 quando o indivíduo possui curso de pós graduação em cursos tomados como culturais e 0 caso contrário. A seleção desses cursos utiliza como critério as profissões delimitadas pelo CEGOV, que, ao mesmo tempo, constam na lista de graduações captadas pelo IBGE. Tal arranjo se encontra no Quadro 3. Adicionalmente, é importante observar que estes cursos são os mesmos que exigem provas de habilidades específicas, quando se compara com a oferta de vagas para demais carreiras nas Universidades Estaduais de São Paulo (USP) e de Campinas (UNICAMP), que são usadas como referências para analisar a exigência de tal etapa para inserção em uma graduação por serem as universidades de maior destaque nacional. Diante disso, é possível trabalhar com a hipótese de que os formados nessas graduações possuem habilidades cognitivas próprias para cultura e, assim, utilizar a variável como *proxy* de talento. As variáveis *gênero, cor, idade, chefe,* e *categorias* são as mesmas apresentadas no modelo *logístico multinomial* (ver subcapítulo 2.2). A binária *estrangeiro*, por sua vez, diferencia trabalhadores brasileiros e estrangeiros, em que é atribuído valor 0 para pessoas nascidas no país e 1 para os de fora.

Quadro 3 - Cursos superiores de formação em cultura.

Código	Área/Curso
2	**HUMANIDADES E ARTES**
21	**ARTES**
210	ARTES (CURSO GERAIS)
211	BELAS ARTES
212	MÚSICA E ARTES CÊNICAS
213	TÉCNICAS AUDIOVISUAIS E PRODUÇÃO DE MÍDIA
214	DESIGN E ESTILISMO
215	ARTESANATO
58	**ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO**
581	ARQUITETURA E URBANISMO

Fonte: Anexos Auxiliares do IBGE.

[6] Para mais detalhes a respeito da equação de Mincer, consultar Mincer (1974).

No tocante às provas de habilidades específicas, Cerqueira (2012) faz uma análise sobre a composição dos testes para o curso de música. Segundo o autor, tais testes são aplicados desde a primeira instituição de ensino em música do país na cidade do Rio de Janeiro. Destaca ainda, que no caso de o candidato não precisar passar por um teste de habilidades, esse deve apresentar um certificado de curso anterior na área, o que reforça a hipótese da necessidade de conhecimento prévio sobre o assunto.

Embora sejam estimadas equações para cada grupo o resultado pode não ser eficiente porque contém viés devido aos fatores que determinam os componentes de cada amostra. Um dos métodos propostos pela literatura empírica é o tratamento de viés de seleção da amostra de indivíduos, inicialmente desenvolvido por Heckman (1976) e posteriormente estendido para várias aplicações. Uma destas extensões é para os modelos de efeitos de tratamento, o que permite considerar a probabilidade de pertencer a cada grupo determinado endogenamente no modelo. Seguindo a proposta de Dubin & McFadden (1984), o método utiliza um modelo de duas etapas. A primeira etapa considera a determinação das probabilidades de trabalhar em atividades artísticas seja *full time* ou *part time,* ou se dedicar a outras atividades, ou seja, a estimação da anterior equação (1). Posteriormente, são obtidas duas razões inversa de Mills[7], que são acrescidas às equações de rendimentos.

2.4 – Decomposição de Oaxaca

Essa seção se dedica a explicar a decomposição de Oaxaca[8] (1973), aplicada com o propósito de comparar o nível de renda dos três tipos de profissionais em análise. Tradicionalmente, o método tem sido utilizado no que concerne à discriminação étnica e por gênero no mercado de trabalho. Pode-se citar, por exemplo, os trabalhos de Cavalieri e Fernandes (1998), Soares (2000), Henriques (2001), Giuberti e Menezes-Filho (2005), Matos e Machado (2006), Oliveira e Rios-Neto (2006), Carvalho *et al.* (2006), Salvato *et al.* (2008), Miro e Suliano (2009) e Souza *et al.* (2013) entre outros. Esses autores apontam que, em média, homens possuem salários mais elevados quando comparados às mulheres ao passo que, trabalhadores brancos têm salários maiores que os não-brancos, sendo que parte dessa diferença salarial é atribuída à discriminação.

A decomposição consiste em separar desigualdades salariais em duas parcelas. A primeira, denominada componente explicado, representa a diferença justificada pelas

[7] Mais detalhes sobre o cálculo da função inversa de Mills podem ser obtidos em Heckman (1976), Greene (2003) e Dubin & McFadden (1984).
[8] Para outros detalhes Oaxaca (1973).

características que refletem produtividade, como idade e anos de estudo. A segunda parcela representa a distinção não explicada por esses mesmos fatores que, em geral, a literatura interpreta como efeito preço, ou prêmio que o mercado paga ao trabalhador pela posse de determinado fator. É este componente que a literatura sobre diferenciais por cor ou gênero, denomina de discriminação.

No presente trabalho, o método é aplicado primeiro para comparar os salários dos trabalhadores em atividades culturais, ou seja, entre *full time* e *part time*. Posteriormente, são confrontados os rendimentos de pessoas que se dedicam integralmente à cultura e aquelas inseridas em outros segmentos de atividades. A aplicação do método pode ser sintetizada pela equação (3):

$$w_{ii} - w_{ip} = (x_{ii} - w_{ii})B_{ii} + X_{ip}(B_{ii} - B_{ip}) \qquad (3)$$

A hipótese é que, caso exista, o diferencial nas recompensas pelo trabalho entre esses grupos seja atribuído, dentre outros fatores, ao talento dos indivíduos com dedicação exclusiva as artes. Como o talento é um componente não diretamente observável, este deve estar presente na parte não explicada da decomposição.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta, em um primeiro momento, os resultados do modelo logístico multinominal, com o intuito de verificar se trabalhadores do setor cultural que possuem curso superior na área de cultura têm maior probabilidade de se dedicarem em tempo integral a atividades de sua área de formação acadêmica. Em um segundo momento, são apresentadas as análises das regressões de salário para trabalhadores culturais *full time*, *part time* e empregados de outros segmentos. Por último, a fim de explicar as diferenças do rendimento médio entre os trabalhadores dos três grupos, é apresentada a decomposição de Oaxaca (1973). Todos os modelos são estimados com o auxílio do pacote estatístico Stata 11, com desvios padrões robustos à heterocedasticidade.

3.1 Modelo Logit Multinomial

Com o objetivo de cumprir a primeira proposta do presente trabalho, é estimada a probabilidade de um indivíduo estar ocupado exclusivamente ou apenas parte do tempo em uma atividade cultural ou, ainda, se dedicar apenas a outras atividades. Para tanto, é aplicado um modelo *logit multinomial*, uma expansão dos modelos tradicionais de escolha binária adaptada para múltiplas opções da variável resposta. Os resultados, analisados ao longo desta subseção, são apresentados na Tabela 1, que exibe os efeitos marginais sobre a probabilidade de cada uma das três situações mencionadas.

Iniciando a análise a partir das características pessoais, é verificado que a binária de gênero possui efeito significativo sobre a probabilidade do indivíduo pertencer a um dos três grupos de trabalhadores analisados. Seu impacto negativo para *full time* indica que as chances de os homens se dedicarem às atividades do segmento de cultura em tempo integral são menores quando comparados às mulheres. Ao mesmo tempo, o resultado positivo que a *dummy* tem sobre as respostas *part time* e *não-cultura*, mostra que é mais provável que eles voltem sua força de trabalho às atividades artísticas apenas em tempo parcial ou mesmo que não estejam nesse ramo.

Tabela 2 – Efeitos marginais do modelo de probabilidade

Variáveis	***Full Time* Cultura**	***Part Time* Cultura**	**Não cultura**
Gênero	-0,00150*	0,00042**	0,00108*
	(0,00032)	(0,00018)	(0,00037)
Cor	0,00234*	0,00026***	-0,00260*
	(0,00032)	(0,00014)	(0,00034)
Idade	0,00000	-0,00001	0,00001
	(0,00002)	(0,00001)	(0,00002)
Casado	0,00098*	0,00057*	-0,00156*
	(0,00034)	(0,00017)	(0,00038)
Cônjuge	-0,00078	0,00036	0,00042
	(0,00065)	(0,00039)	(0,00076)
Filhos	-0,00061	-0,00060**	0,00121
	(0,00069)	(0,00025)	(0,00074)
Chefe	-0,00160**	0,00069***	0,00090
	(0,00065)	(0,00037)	(0,00075)
Menores	0,00010	0,00026	-0,00036
	(0,00053)	(0,00019)	(0,00056)
Outras fontes de renda	0,00202*	0,00022	-0,00224*
	(0,00058)	(0,00024)	(0,00062)
Retorna diariamente	-0,00433*	-0,00052*	0,00485*
	(0,00041)	(0,00018)	(0,00045)
Naturalidade	-0,00071**	-0,00021	0,00092*
	(0,00031)	(0,00014)	(0,00034)
Com carteira (referência)			
Trabalhador sem carteira	0,00525*	0,00236*	-0,00761*
	(0,00094)	(0,00065)	(0,00114)
Conta Própria/INSS	0,01840*	0,00422*	-0,02262*
	(0,00136)	(0,00079)	(0,00156)
Conta Própria/ sem INSS	0,03911*	0,00427*	-0,04337*
	(0,00227)	(0,00077)	(0,00236)
Funcionário Público	-0,00555*	0,00000	0,00555*
	(0,00041)	(0,00024)	(0,00048)
obs.	255098		
Pseudo R^2	0,1131		
Prob>chi²	0,00		

Fonte: Resultados da pesquisa. Erros padrão robustos entre parênteses.
*** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01

Da mesma forma, a maior probabilidade de os homens se dedicarem parcialmente à cultura pode ser devido à responsabilidade da casa e criação dos filhos tradicionalmente ser atribuída à mulher e o fato de que algumas dessas atividades ocorrerem no período noturno. Marcondes *et al.* (2003) realizam uma pesquisa em uma fábrica de plástico que possui turno noturno com trabalhadores de ambos os gêneros e salientam que todos os entrevistados, tanto os homens quanto as mulheres, argumentam que as atividades domésticas e o cuidado com as crianças são "uma obrigação" da mulher e, portanto, essas trabalhadoras dormem menos horas em relação aos homens. Da mesma forma, Rotenberg *et al.* (2001), com base em entrevistas semi-estruturadas, com trabalhadores do período noturno, concluem que os efeitos da falta de sono são maiores sobre as mulheres por elas dividirem sua atenção entre trabalho profissional e doméstico, principalmente entre as que têm filhos. De Souza Minayo (2005) acentua a forma como a sociedade atribui os papeis segundo gêneros, em que concerne ao homem ser o

provedor e o responsável pela tomada de decisões, e, sob esse "disfarce", aparece o que a autora denomina de novo machismo baseado em uma velha estrutura (patriarcalismo) e, consequentemente, à mulher ficam as atividades domésticas. Ou seja, desenvolver uma atividade noturna se mostra ser uma dificuldade adicional para as mulheres devido a uma "cultura" da responsabilidade da casa e dos filhos recair sobre elas.

Ainda relacionado a esse tipo de sociedade, a atividade profissional em período noturno pode ser vista como algo perigoso para uma mulher, por não ser socialmente aceito e devido à falta de segurança. Labronici *et al.* (2010), por exemplo, fazem um estudo fenomenológico com mulheres que sofreram violência sexual e ressaltam que circular em espaços públicos a noite é um medo comum entre as vítimas e o universo feminino, devido às estatísticas de violência contra a mulher no país. Alves (2011) traz uma realidade a partir de uma análise feita na França que vai de encontro com essa visão ao afirmar que "o trabalho noturno deixou de ter uma carga pejorativa e passou a ser socialmente aceito" naquele país (ALVES, 2011 p.11). Entretanto, essa não é uma realidade brasileira, que é constatada a partir dos altos índices de violência contra a mulher e por ser uma sociedade essencialmente patriarcal que serve como pano de fundo para o machismo. Destarte, ao considerar essa lógica, a sociedade pode julgar uma mulher que trabalha no período noturno como "mundana" e essa situação acaba inibindo a participação feminina em atividades que ocorram no período noturno, que é uma realidade frequente nas atividades artísticas.

A questão do resultado obtido para a binária de gênero pode ser relacionada ainda a uma pergunta recorrente no setor artístico – cultura é realmente trabalho? – embora, em atividades desse setor ocorra o que é denominado "efeito pop star", que está ligado ao fato de possuir fama e ganhar fortuna a partir de uma atividade específica. Nesse sentido, Amanda Palmer, em uma entrevista no TED[9], relata que antes do seu efeito pop star na música ela se formou em uma universidade de artes e ganhava a vida fazendo trabalho de estátua humana nas ruas e, por vezes, ouvia de transeuntes que arrumasse um emprego, o que a levava refletir sobre a atividade que estava executando. Dessa forma, é possível depreender que o homem enquanto provedor, nessa lógica patriarcal, precisa de um "trabalho sério", que não dependa da sazonalidade de suas apresentações, como no caso da música ou da venda de um quadro. Ou seja, atividades que são circundadas pela falta de segurança financeira.

[9]TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao lema "ideias que merecem ser compartilhadas". Começou há 26 anos como uma conferência na Califórnia, e, desde então, tem crescido para apoiar ideias que mudam o mundo através de múltiplas iniciativas. Em uma conferência TED, pensadores e realizadores de todo o mundo são convidados a dar a melhor palestra de suas vidas em 18 minutos. Um vídeo com a entrevista citada pode ser vistono canal do YouTube por meio do link https://www.ted.com/talks/amanda_palmer_the_art_of_asking?language=pt-br (consultado em 18/01/2018).

Em relação às características domiciliares, uma das variáveis que mais chama atenção é a binária de *casado* que apresenta valor positivo e significativo para as duas modalidades de inserção em atividades culturais. Como tal fator é geralmente associado a maiores preocupações com a família e/ou domicílio, era esperado que o trabalho em atividades de outros segmentos fosse preferencial. Contudo, esse resultado pode ser causado pelo tamanho da amostra, restrito às pessoas com nível superior completo. Já o resultado da binária de chefe, negativo para *full time* e positivo para *part time*, indica certa impossibilidade desses indivíduos de se entregarem totalmente à área da cultura, assim como ocorre com a binaria de gênero, o efeito pode estar relacionado às responsabilidades do provedor da família. Essa questão é reforçada pelo resultado da variável filhos, ou seja, o fato de as pessoas terem filhos reduz a possibilidade de dedicação a atividades artísticas em período parcial.

As características de mercado de trabalho evidenciam que indivíduos que atuam por conta própria, tanto os que contribuem com o INSS quanto os que não o fazem, e trabalhadores sem carteira apresentam maior possibilidade de se dedicar a atividades do setor cultural. Esse fato reforça a hipótese que o setor possui altos índices de informalidade e vai ao encontro da pesquisa de Segnini (2016). A autora aponta que, no mercado de trabalho não cultural, quase metade dos ocupados possuem vínculo formal, enquanto, para o segmento de atividades criativas, essa taxa é de apenas dez por cento.

Por outro lado, os resultados da presente pesquisa apontam que funcionários públicos apresentam maior probabilidade de se dedicar a atividades de outros segmentos, em medida inversa aproximadamente igual à possibilidade de exercer atividades culturais em período integral. Esse fenômeno pode estar atrelado às características próprias do setor público, normalmente pouco relacionado a atividades artísticas ou criativas. Como evidência disso, menciona-se o resultado curioso de modo aproximadamente igual com sinais contrários, quando calculada a probabilidade de um servidor público atuar em atividades artísticas e não artísticas. O setor público é almejado por muitas pessoas principalmente por ser um trabalho que traz segurança em termos de estabilidade e de salários, ou seja, características contrárias às mencionadas no mercado de trabalho cultural.

O fato de o indivíduo possuir outras fontes de renda que não a remuneração do trabalho, como, por exemplo, aluguéis, herança e/ou pensões, aumenta a possibilidade de dedicação exclusiva à atividade cultural. Esse resultado pode estar vinculado à informalidade, característica predominante nesse mercado, que não fornece garantias ao trabalhador, tais como salário fixo, seguridade social e férias remuneradas, às quais trabalhadores do setor formal têm acesso. Dessa forma, é possível concluir que, pessoas com uma fonte alternativa

de renda, por possuírem outras possibilidades de sustento, são mais dispostas a se dedicarem a atividades que não lhes deem segurança financeira.

Trabalhadores que voltam a seus lares ao fim do dia apresentam menor probabilidade de exercer atividades do segmento de cultura. Esse resultado é esperado pois, as características do setor envolvem, por exemplo, viagens para apresentações de espetáculo, inclusive para o exterior, onde há maior valorização cultural, inclusive monetária. Por exemplo, Reis (2016), em sua pesquisa com dançarinos, constata que os brasileiros que saem para realizar algum trabalho na França, ao final não querem retornar ao Brasil, devido à falta de valorização desse profissional nacionalmente. Entretanto, também é destacado que em ambos os países é necessário muito esforço, sendo que, no Brasil, não há um reconhecimento desse trabalhador pelo público, enquanto que, na França, existe maior valorização salarial. De forma análoga, não parece incorreto inferir que trabalhadores vindos de outros países dificilmente se encaminhariam para a área da cultura, uma vez que seriam melhor recompensados em suas respectivas terras natais. Essa suposição ajuda a entender o impacto negativo que a binária naturalidade tem sobre *full time*, bem como o efeito positivo sobre a probabilidade inserção em atividades tradicionais.

A partir da análise da probabilidade de um trabalhador se dedicar exclusivamente a atividades culturais, é constatado que fatores como, possuir fontes de renda extra, ser mulher, branca e casada elevam essa possibilidade. De outro lado, homens, também de cor branca e casados mais frequentemente voltam a atenção para atividades do segmento apenas a tempo parcial e, essas características, de modo similar, aumentam suas chances de exercer atividades não culturais. Ou seja, a inserção em cada grupo do mercado de trabalho é determinada por variáveis distintas e, portanto, a distribuição de profissionais entre eles não é aleatória, mesmo para quem no segmento cultural em período integral ou parcial.

Encerrada essa etapa, são selecionadas variáveis para verificar o retorno financeiro de profissionais que possuem curso superior dentro do segmento analisado. O intuito é verificar, por meio de uma regressão de salário, o impacto da formação para trabalhadores de atividades artísticas, sobretudo quando esta é a sua única fonte de renda. O processo mencionado é descrito no subcapítulo, a seguir.

3.2 Regressões de salário

A seção anterior deixa claro que a distribuição entre os três grupos não é aleatória e, por isso, estimar uma regressão segregada para esses grupos pode ser insuficiente para corrigir problemas de *viés de seleção*.Com o intuito de corrigir esse problema é aplicado o método de correção de Heckman (1976), em que a razão inversa de Mills, calculada a partir do modelo de probabilidade apresentado anteriormente, é embutida nas equações de salário como variável explicativa adicional. Desse modo, a presente seção tem por objetivo verificar quais são os fatores que determinam os salários de cada grupo de profissionais analisados. Adicionalmente, aferir se existem diferenças relevantes entre eles, tanto em termo de significância quanto os sinais apresentados, para posteriormente realizar uma decomposição de Oaxaca.

As regressões estimadas são apresentadas na Tabela 2 e são obtidos, via Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) do logaritmo do rendimento mensal, o que possibilita a análise e comparação com as conclusões de outros autores, como, por exemplo, Throsby (1994), Casacuberta (2012), Ferreira Neto *et al.* (2012) e Machado *et al.* (2014), que estudam assuntos similares e, também através de equações mincerianas que estimam os ganhos dos trabalhadores em atividades artísticas.

A principal variável explicativa do modelo é *formação específica em cultura*, que diz, com valor 1, se o trabalhador possui algum curso de graduação nas áreas denominadas de humanidades e artes pelo IBGE, e 0 se tem diploma em outra formação. Essa classificação coincide, também, com a segregação por áreas feitas, por exemplo, pela USP e pela UNICAMP, onde os referidos cursos estão na área de Humanidades e Artes e, além destes, o curso de arquitetura. A partir dos resultados apresentados, é possível afirmar que pessoas que possuem formação em graduações tomadas como culturais têm maiores renumerações nesse setor. Esse retorno financeiro dentro do segmento de atividades artísticas é ainda maior para aqueles que trabalham exclusivamente nesse setor. Além disso, indivíduos que possuem uma graduação na área de cultura e trabalham em outras atividades não recebem prêmio salarial por sua formação.

Logo, é possível afirmar que educação em cultura gera renda e reduz as diferenças salariais entre trabalhadores do segmento cultural e profissionais de outras áreas. Assim, o resultado apresentado em relação à formação leva a inferir que a profissionalização é um fator determinante para o rendimento dos trabalhadores do setor. Ou seja, embora seja possível realizar o oficio e adquirir renda, como destacam Menger (2006) e Nascimento (2007), um

diploma mais específico na área pode ser um sinalizador importante para o mercado. Isto é, o curso superior tende a aumentar o rendimento quando comparado a quem não tem o mesmo tipo de formação. Ademais, aqueles que possuem pós-graduação têm maiores ganhos quando são *full time* cultura e quando se dedicam a atividades de outros segmentos. Esse resultado vai ao encontro daquilo que ocorre no mercado de trabalho como um todo, em que maiores níveis de educação tendem a elevar os salários dos trabalhadores, como afirmam autores, como, por exemplo, Langoni (1974), Barbosa Filho & Pessoa, 2010, Menezes-Filho *et al.* (2012) e Menezes-Filho *et al.* (2016).

Tabela 3 - Regressão de rendimento mensal

Variáveis	***Full Time* Cultura**	***Part Time* Cultura**	**Não Cultura**
Formação em cultura	0,516*	0,428*	0,015
	(0,039)	(0,098)	(0,019)
Pós Graduação	0,308**	0,203	0,549*
	(0,125)	(0,155)	(0,009)
Gênero	0,063	0,208	0,397*
	(0,057)	(0,145)	(0,005)
Cor	0,440*	0,479*	0,244*
	(0,058)	(0,146)	(0,005)
Idade	0,068*	0,137*	0,091*
	(0,017)	(0,043)	(0,002)
Idade²	-0,001*	-0,002*	-0,001*
	(0,000)	(0,001)	(0,000)
Chefe	-0,061	-0,030	0,076*
	(0,060)	(0,158)	(0,006)
Com carteira (referência)			
Funcionário Público	-0,586*	-0,268	0,003
	(0,153)	(0,329)	(0,012)
Trabalhador sem carteira	-0,140	-0,322	-0,470*
	(0,096)	(0,217)	(0,009)
Conta Própria/INSS	0,349*	-0,054	0,024***
	(0,125)	(0,316)	(0,014)
Conta Própria/sem INSS	0,421*	-0,221	-0,345*
	(0,162)	(0,435)	(0,018)
Estrangeiro	-0,063	-0,130	0,202*
	(0,176)	(0,235)	(0,035)
Região Sudeste (referência)			
Região Norte	-0,034	0,219	-0,010
	(0,104)	(0,180)	(0,007)
Região Nordeste	-0,159**	-0,213	-0,151*
	(0,062)	(0,138)	(0,005)
Região Sul	-0,219*	-0,384*	-0,129*
	(0,051)	(0,115)	(0,005)
Região Centro-Oeste	-0,114	-0,055	-0,055*
	(0,083)	(0,211)	(0,007)
millsp1	-0,278*	-0,057	-0,006
	(0,039)	(0,115)	(0,004)
millsp2	0,134*	0,036	0,057*
	(0,030)	(0,088)	(0,003)
Constante	4,618*	4,370*	6,007*
	(0,561)	(1,325)	(0,058)
obs.	2287	336	252475
R² Ajustado	0,2658	0,2050	0,2609
Prob>F	0,00	0,00	0,00

Fonte: Resultados da pesquisa. Erros padrão entre parênteses.
*** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01

Ainda com relação à formação específica em área de cultura, o resultado se assemelha com o estudo desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), realizado no ano de 2014, em que é apontado que a média salarial do trabalhador criativo é maior quando comparado a outros segmentos. Essa diferença se deve, dentre outros fatores, ao nível de instrução que vem sendo cada vez maior entre os indivíduos dessa área. Dessa forma, a combinação desses resultados permite depreender que além de dom para desenvolver atividades no campo criativo, como apregoado por alguns autores, é necessário que o artista volte sua atenção a uma formação relacionada à sua área de trabalho. Outrossim, os resultados reforçam os argumentos de Teruya (2012), que em seu estudo, no campo da música, ressalta que apesar de alguns autores atribuírem a atividade artística a um dom, há estudiosos que vão contra esse argumento e alegam que o desenvolvimento de habilidades é devido à dedicação, por vezes, ininterrupta, aos estudos na área. Logo, é possível concluir que a educação formal para trabalhadores do segmento de cultura tem grande relevância no tipo de atividade que será exercida por esse profissional e em sua remuneração. Além disso, quando comparadas à magnitude e à significância dos efeitos marginais para cada grupo, se observa que o impacto é maior para os que se dedicam a atividades culturais, ou seja, existe um prêmio maior para trabalhadores desse setor. Em contrapartida, esse prêmio não ocorre para aqueles que têm formação cultural, mas trabalham em outras atividades. Isto é, pessoas formadas em cursos tomados como culturais têm remuneração maior quando trabalham em atividades que ensejam sua área de formação, ou seja, são premiados e essa premiação é ainda mais evidente para aqueles que têm dedicação exclusiva no setor. Em compensação, indivíduos que possuem formação nessa área e trabalham em outros setores não têm efeitos em seu rendimento.

Acerca das demais variáveis de controle, é possível destacar também alguns resultados que são relevantes, como, por exemplo, homens têm maiores ganhos em relação às mulheres em atividades não culturais, enquanto, para o segmento de cultura, parece não haver diferença. Esse resultado vai de encontro ao mercado de trabalho como um todo, ou seja, a discriminação por gênero não acontece no setor cultural, segundo o resultado apresentado. Importante ressaltar que essa discriminação não acontece quando diz respeito ao salário, pois foi evidenciado no modelo de probabilidade que ser mulher é um fator que inibe a entrada dessas profissionais no mercado. Dessa forma, é possível concluir que embora seja um mercado mais difícil para a mulher se inserir, uma vez que ela o faz não existem diferenças no salário devido ao seu gênero. Por outro lado, em relação à cor é evidenciado que há discriminação no mercado de trabalho cultural, assim como no mercado de trabalho como um

todo, pois trabalhadores de cor branca detêm maiores ganhos em relação aos de pele não branca, esse resultado ocorre nos três grupos analisados. Isso pode ser devido ao fato de a amostra ser composta apenas por trabalhadores que possuem ensino superior. Feres Júnior e Daflon (2013) ao fazer uma análise das ações afirmativas para ingresso no ensino superior no Brasil, constatam que o perfil de ingressantes nas universidades brasileiras, sobretudo nas universidades públicas, são pessoas de cor branca e de classe média alta. Seguindo também o mesmo comportamento do mercado de trabalho geral, a variável idade apresenta sinal positivo e significativo nas três regressões de rendimento, ou seja, a idade é uma *proxy* para experiência. Desse modo, quanto maior a experiência do indivíduo melhor será seu rendimento, o que é afirmado por Menger (2006), quando defende que a experiência é um fator de grande relevância quando se trata de atividades do campo cultural.

A binária *chefe*, que identifica indivíduos que são tomados como referência na unidade familiar, apresenta sinal positivo e significativo apenas para aqueles que se dedicam a atividades de outros segmentos, enquanto para os trabalhadores culturais parece não exercer influência. Do mesmo modo que a probabilidade do chefe de família se dedicar a atividades culturais é menor devido às características inerentes ao setor, sobretudo à informalidade, a regressão de salário também aponta que essas pessoas buscam se inserir em trabalhos de segmentos não culturais, possivelmente devido à instabilidade que margeia as atividades artísticas.

No tocante ao tipo de contrato, cuja unidade de referência é carteira de trabalho assinada, funcionários públicos têm ganhos menores, uma possível explicação seria o que Casacuberta (2012) chama de “efeito pop star”, ou seja, embora esse mercado seja marcado pela informalidade e, consequentemente, pela instabilidade no retorno financeiro há aqueles que contam com altos ganhos devido à fama principalmente. Contudo, uma regressão como a estimada não permite captar com maiores detalhes o efeito desse tipo de profissional, uma vez que trabalha com a média de distribuição de salário. Uma análise dessa natureza poderia ser implementada, por exemplo, com o uso de regressões quantílicas, que foge ao escopo desse trabalho. Trabalhadores sem carteira que atuam com atividades não culturais e os conta própria que não contribuem com o INSS, possuem ganhos menores em relação aos trabalhadores com carteira assinada. Por outro lado, os trabalhadores por conta própria que contribuem com INSS apresentam maiores ganhos em relação aos trabalhadores que possuem carteira assinada em dois grupos, *full time* cultura e não cultura. Para o grupo de pessoas que se dedicam exclusivamente a atividades culturais, esse resultado pode ser devido a uma característica comum do setor, que seria, o fato de trabalhos por contrato ocorrer por tempo de

duração de um espetáculo, por exemplo, como aponta Segnini (2008). Enquanto, para os atuantes em atividades não culturais, empresários podem ser os responsáveis por elevar essa média de ganhos.

Pessoas que vieram de outros países e residem no Brasil apresentam maiores ganhos quando trabalham em atividades de outros segmentos. Entretanto, quando se trata dos grupos que se dedicam a atividades culturais parece não haver diferença entre estrangeiros e brasileiros. Dessa forma, é possível afirmar que, embora ocorra discriminação para adentrar no mercado de trabalho cultural, em que as pessoas têm remunerações diferentes devido à sua cor, o mesmo não ocorre entre trabalhadores brasileiros e estrangeiros. Já em relação às regiões, a sudeste é a referência e os resultados apresentados mostram que os ganhos das demais regiões, norte, nordeste, sul e centro-oeste, são menores em relação a esta. Estudo da Firjan de 2014 ressalta que os estados do Rio de Janeiro e São Paulo são os que possuem maior remuneração em atividades criativas no país, possivelmente, motivo que eleva a média de ganhos dos profissionais da região sudeste em relação às demais.

A partir do uso de regressão de salário para os grupos analisados, é verificado que existem diferenças nos fatores que impactam no salário dos trabalhadores. Entretanto, a variável *formação em cultura* se mostra como um importante elemento para elevar os salários. Além disso, os resultados apresentados podem estar relacionados a dois efeitos, por um lado a questão do treinamento e, por outro há evidencias, como, Throsby (1994), Menger (2006) e Casacuberta (2012) que destacam o talento como fator importante para quem se dedica a atividades artísticas. Entretanto, esse componente é não explicado, ou seja, não diretamente observado.

Na próxima seção é feita uma decomposição de Oaxaca para investigar quais são os determinantes que diferenciam a remuneração entre os grupos analisados. Esses dois efeitos, talento e formação, são comparados juntamente com outros fatores que determinam os ganhos entre pessoas que se dedicam em período integral a atividades culturais e aquelas que trabalham apenas a tempo parcial no setor e, posteriormente entre os *full time* cultura e indivíduos que trabalham em outras áreas de atividades.

3.3 Decomposição de Oaxaca

Os resultados da seção anterior mostram que, dentre as variáveis explicativas do modelo de regressão, a posse de uma formação específica em áreas culturais fornece uma remuneração média mais elevada para os trabalhadores do setor. Isto é, fica evidenciado que a

profissionalização na área pode ser um importante elemento de sinalização ao mercado de trabalho da maior capacitação do trabalhador e, além disso, contribui com a formação de salários, induzindo uma menor diferença em relação às demais atividades ditas tradicionais do mercado de trabalho. Contudo, parte do impacto desta variável pode ser explicado não apenas pelo que é observável diretamente, mas também devido às habilidades natas do indivíduo. Ou seja, pode existir a presença de algum efeito não diretamente observável pelo modelo de regressão utilizado.

Neste sentido, a presente seção tem como objetivo comparar a formação dos rendimentos entre os três grupos investigados, buscando evidências de algum efeito não observável sobre as diferenças. Para tanto, é empregada uma decomposição de Oaxaca (1973). O método é usado para comparar os rendimentos de trabalhadores *full time* em cultura com os demais grupos analisados (*part time* e não cultura), dividindo a diferença em um componente explicado pela posse de fatores produtivos e outro devido ao efeito preço, ou a forma como o mercado remunera cada grupo. Este último componente é o que a literatura tradicionalmente associa à discriminação. Entretanto, no presente trabalho, é interpretado como efeito prêmio.

Os resultados são apresentados na Tabela 3, onde as duas primeiras colunas representam a comparação *full time* e *part time* dentro do segmento cultural e, as duas últimas, a decomposição da diferença entre os de dedicação exclusiva e o mercado de trabalho não cultural. Sinais positivos no componente explicado de cada comparação mostram que os trabalhadores com dedicação exclusiva em cultura têm pior distribuição com relação às variáveis explicativas, quando comparado aos demais grupos. Além disso, a segunda coluna representa a parte não explicada ou o efeito preço, ou seja, como o mercado premia cada fator. Efeitos positivos para esse último componente mostram que o mercado de trabalho valoriza menos o trabalhador cultural *full time* em relação àquele elemento analisado.

Na comparação entre trabalhadores *full time* e *part time,* são poucas as variáveis que influenciam na diferença entre os dois. É possível destacar as variáveis de pós graduação, funcionário público e trabalhador por conta própria sem INSS dentro do componente explicado. A formação em cultura não apresenta sinal significativo, indicando que não há diferença no efeito dotação entre os profissionais da área e, também, não existe diferença significativa no retorno financeiro entre os dois grupos.

Tabela 4 - Decomposição de Oaxaca

Variáveis	***Full time* versus *part time***		***Full time* versus *não cultura***	
	Explicada	**Não Explicada**	**Explicada**	**Não Explicada**
Formação em cultura	-0,004	-0,045	-0,060*	-0,208*
	(0,02)	(0,05)	(0,01)	(0,02)
Pós graduação	0,021**	-0,010	0,011*	0,009***
	(0,01)	(0,02)	(0,00)	(0,00)
Gênero	0,015	0,081	0,009**	0,133*
	(0,01)	(0,09)	(0,00)	(0,02)
Cor	-0,016	0,031	-0,028*	-0,157*
	(0,01)	(0,12)	(0,00)	(0,05)
Idade	0,048	2,615	-0,042**	0,866
	(0,04)	(1,71)	(0,02)	(0,65)
Idade²	-0,034	-1,336	0,032**	-0,314
	(0,04)	(0,83)	(0,01)	(0,32)
Chefe	-0,014	0,020	0,003*	0,058**
	(0,01)	(0,10)	(0,00)	(0,03)
Com carteira (referência)				
Funcionário Público	-0,039*	0,031	-0,002	0,019*
	(0,01)	(0,03)	(0,00)	(0,01)
Trabalhador sem carteira	-0,009	-0,024	0,000	-0,029*
	(0,01)	(0,03)	(0,00)	(0,01)
Conta Própria/INSS	0,016	-0,116	-0,005**	-0,078*
	(0,01)	(0,10)	(0,00)	(0,03)
Conta Própria/sem INSS	-0,050**	-0,151	0,099*	-0,276*
	(0,02)	(0,11)	(0,01)	(0,06)
Estrangeiro	0,000	-0,001	-0,001**	0,003
	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Região Sudeste (referência)				
Região Norte	-0,000	0,010	-0,000	0,001
	(0,00)	(0,01)	(0,00)	(0,00)
Região Nordeste	-0,007	-0,009	-0,007*	0,001
	(0,01)	(0,03)	(0,00)	(0,01)
Região Centro-oeste	0,004	-0,027	0,002	0,016***
	(0,01)	(0,02)	(0,00)	(0,01)
Região Sul	0,000	0,003	-0,001***	0,003
	(0,00)	(0,01)	(0,00)	(0,00)
Total	-0,070	-0,248	0,010	1,389**
	(0,05)	(1,40)	(0,02)	(0,56)
obs.	2.623	254.762	2.623	254.762

Fonte: Resultados da pesquisa. Erros padrão entre parênteses. *** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01.

Quando comparados os trabalhadores *full time* em cultura e os dos demais segmentos de atividades, o sinal negativo e significativo do componente explicado da binária de formação específica em cultura, indica que uma graduação na área é algo que aumenta o estoque de fator produtivo para os trabalhadores de dedicação exclusiva em atividades artísticas. O fato de o indivíduo ter cursado uma graduação em área específica de cultura, atua como uma causa que reduz as diferenças de rendimentos entre trabalhadores do setor cultural e demais atividades econômicas. Ou seja, este resultado reforça o achado anterior sobre o papel da profissionalização como formadora de renda em atividades artísticas. Dessa forma, é possível inferir que a existência de cursos superiores na área pode ser um importante indutor

de desenvolvimento sustentável, tal como, o é a profissional nas atividades ditas como "sérias". Por exemplo, a entrevista realizada por Segnini (2016), destaca a preocupação da família do profissional com que ele obtenha uma profissão que garanta seu sustento. Os resultados obtidos pela presente dissertação evidenciam que a formação em cultura pode atender a este objetivo.

Com relação ao componente não explicado desta mesma variável, com seu efeito também negativo e significativo, seu resultado representa o componente não observável ou não explicado pelo modelo. Em outras palavras, ele é a forma como o mercado de trabalho valoriza o indivíduo. Considerando que, no presente trabalho, a binária formação em cultura é construída com base em cursos que exigem testes de habilidades específicas, é de se esperar que os indivíduos que passam por estes testes já apresentem estoque de habilidades natas. Autores como Throsby (1994), Menger (2006), Nascimento (2007), Casacuberta (2012) e Virgínio (2015) apontam para existência e importância que as habilidades natas ou cognitivas têm sobre esse mercado de trabalho. Portanto, é possível trabalhar com a hipótese de que este componente não explicado possa ser interpretado como *proxy* do efeito do talento dos indivíduos.

Dessa forma, a aparente contradição entre profissionalização e talento discutida na literatura, são, de acordo com os resultados do presente trabalho complementares. De um lado, a formação específica é um importante sinalizador para o mercado de trabalho sobre a profissionalização e, além disso, mostra que esse tipo de atividade é também uma ocupação séria. Por outro lado, apesar da renda do trabalho cultural ser inferior comparada à do mercado tradicional, o talento individual também se mostra significativo para a formação de rendimento, o que pode ser um motivador para a continuidade na atividade. Adicionalmente, este talento pode ser aprimorado com a realização de um curso superior.

A respeito às demais variáveis do modelo, uma que chama a atenção é a binária de pós graduação que apresenta sinal positivo e significativo na maior parte dos casos, indicando que tanto os ocupados em tempo parcial quanto os trabalhadores de outros setores possuem uma dotação melhor do que aqueles que são *full time* em cultura. Uma explicação possível pode ser uma maior permanência em um mesmo local dos trabalhadores a tempo parcial, ou seja, que viajam menos que aqueles que são *full time.*

Em relação à cor, o segmento cultura segue o mesmo reflexo que o mercado de trabalho como um todo. Entretanto, parece haver um agravante uma vez que pessoas de cor branca *full time* cultura são ainda mais "beneficiadas" pela sua cor que em outros setores, o que pode ser um indício do efeito "pop star", que eleva a média salarial de alguns. Todavia,

para captar este tipo de efeito, talvez seja recomendada a estimação de regressões quantílicas, o que foge ao escopo do trabalho. No tocante às regiões, em que o Sudeste é tomado como referência, o Centro Oeste apresenta sinal positivo e significativo, para pessoas que trabalham exclusivamente com cultura, na parte não explicada do modelo. Esse resultado evidencia que, nessa região, os artistas têm remunerações muito inferiores quando comparados a trabalhadores de outros segmentos e, portanto, talvez seja um indicador para que, quem queira "viver da arte", tenha que migrar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema economia da cultura tem ganhado espaço devido às decisões de diferentes governos acerca do assunto, como, por exemplo, a criação dos treze setores de economia criativa no Reino Unido em 1994. O presente estudo teve como objetivo, determinar a probabilidade de se observar um trabalhador ocupado em tempo integral ou parcial em atividades culturais, ou em outras atividades. Além disso, verificar os determinantes de renda entre pessoas que trabalham em atividades culturais integralmente e em período parcial e àqueles que atuam em atividades de outros segmentos. E, por fim, examinar se as possíveis diferenças salariais podem ser explicadas pelo fator talento e/ou pela profissonalização.

Para cumprir com os objetivos propostos foram extraídas informações da base de dados do Censo Demográfico do ano 2010 selecionando uma amostra de trabalhadores que tem nível superior e foi aplicada uma série de exercícios econométricos em cima dessa amostra. Para verificar a distribuição dos trabalhadores no mercado de trabalho, de forma exclusiva ou parcial, ou nas demais atividades, foi estimado o modelo logit multinomial. Para verificar os determinantes de rendimento mensal, foram utilizadas regressões de salários do tipo minceriana. Por fim, para comparar o rendimento entre os três grupos, foi empregada uma decomposição de Oaxaca (1973), que decompõe os diferenciais em duas parcelas, sendo a primeira o componente explicado e, a segunda, a parcela não explicada.

A partir da estratégia econométrica adotada, num primeiro momento, no modelo logístico multinomial observou-se que ser homem, branco e a unidade de referência familiar aumentam a possibilidade de uma pessoa trabalhar em período parcial em atividades culturais. É apontado, como uma possível causa, a necessidade de se complementar renda e, adicionalmente, o fato de trabalhos nesse setor ocorrerem no período noturno. O resultado também é associado às características de uma sociedade patriarcal, como, por exemplo, a mulher precisar cuidar da casa e das crianças, tornando mais difícil voltar sua força laboral para atividades no segmento no período noturno. Por outro lado, quando se diz respeito a trabalhar em período integral em atividades artísticas, os fatores que elevam a probabilidade dessa ocorrência é possuir fonte de renda extra, ser mulher, branca, casada e não ser a unidade de referência familiar. Enquanto que a possibilidade de dedicar a atividades não culturais são maiores para homens, não brancos e que voltam a seus lares ao final da jornada de trabalho.

Num segundo momento, são apresentadas as regressões de rendimentos de maneira segregada para os três grupos analisados, em que é possível observar que formação específica tende a elevar os salários dos trabalhadores em cultura. Esse efeito é maior para aqueles que se

dedicam integralmente ao setor, enquanto uma pós graduação tem esse efeito apenas sobre os trabalhadores *full time,* e, também sobre trabalhadores de outros segmentos que não cultura. Um resultado que chama a atenção é que parece não haver discriminação salarial por gênero, como ocorre no mercado de trabalho como um todo, embora a probabilidade de integração nesse segmento de atividades a tempo parcial seja menor para as mulheres, quando comparada aos homens. Uma vez inseridas, o gênero não é fator determinante para salário. Em contrapartida, em relação à cor há discriminação nos três grupos, ou seja, pessoas brancas tendem a ganhar maiores salários. No que diz respeito ao tipo de contrato, trabalhadores por conta própria têm maiores ganhos, no segmento cultural, em relação àqueles que possuem carteira assinada.

Por fim, a decomposição de Oaxaca (1973) evidencia que uma formação específica contribui para a inserção dos artistas no mercado de trabalho cultural e, além disso, eleva os rendimentos na área. O que vai ao encontro da pesquisa de Teruya (2012), ao destacar que, além de vocação, é necessária uma profissionalização no setor. Ou seja, a melhora no retorno financeiro leva a uma redução das diferenças de ganhos entre o mercado de trabalho cultural e demais atividades. Ademais, além da formação específica, há fatores não observáveis que contribuem para formação dos rendimentos. A literatura aponta que um desses fatores, pode ser o talento. Na presente dissertação, são utilizados cursos que exigem testes de habilidades específicas para a construção da binária formação em cultura com o intuito de captar uma mensuração de talento. Essa construção é feita partindo da hipótese que, no momento da seleção, aqueles que são aprovados nestes cursos têm este fator. Em síntese, a presente dissertação evidencia que profissionalização e talento não são contraditórias no que se refere ao mercado de trabalho cultural, confirmando, ao mesmo tempo, os resultados obtidos por autores como Menger (2006) e Teruya (2012). Dessa forma, é reforçada a ideia de que o talento para tais atividades é primordial, embora não seja o único responsável pelo exercício do oficio, pois profissionalização atua como como um sinalizador para o mercado e aprimora as habilidades natas.

A forma de "profissionalizar o talento" tem encontrado pontos de atritos no Brasil. É possível destacar um em especial, a adoção do Sistema de Seleção Unificado (SISU), várias universidades brasileiras têm discutido a aplicação ou não do teste de habilidades específicas. A ideia de retirada desse teste tem sido refutada por alguns autores, como, por exemplo, Cerqueira (2012), que defende que, sem o teste, o candidato não consegue adquirir conhecimento teórico e prático no período de uma graduação. Neste sentido, o autor sugere que seja utilizado o modelo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que, devido à

seleção nacional, exige do candidato uma pré-formação na habilitação em que deseja ingressar. Outro fator importante é que enquanto no Reino Unido e na Austrália foram realizados investimentos nas áreas criativas com o intuito de especializar suas vantagens comparativas e, assim, melhorar suas economias que passavam por uma situação de crise, no Brasil, a situação seguiu um rumo diferente. Segundo Souza (2017), as políticas nacionais a respeito das atividades criativas são marcadas por "oscilações e inconstâncias dos regimes e governos que afetaram o funcionamento dos conselhos de cultura e a história do MinC" (SOUZA, 2017, p. 11). Ou seja, o país pouco se empenha em voltar a atenção às indústrias criativas, em que as atividades culturais estão inclusas.

Apesar do preconceito e falta de conhecimento por parte dos governantes em relação às atividades criativas, a partir dos resultados obtidos na presente dissertação, é evidenciado que profissões no campo cultural, assim como as demais áreas, são também um trabalho sério. Com os resultados apresentados, ressalta-se a importância de avançar com os estudos na área e, dessa forma, atuar como formulador de políticas públicas para o setor. Como, por exemplo, fomentar cursos tomados como culturais para assim aprimorar as habilidades cognitivas dos indivíduos que querem trabalhar nesse segmento e a exemplo do Reino Unido, melhorar as vantagens comparativas em nosso país no setor. Ou ainda, desenvolver políticas de incentivo para artistas na região Centro-Oeste para que estes não precisem migrar para posteriormente fazer sucesso "em casa".

Como sugestões de trabalhos futuros, baseado nas discussões e resultados aqui obtidos, é possível mencionar o uso de especificações econométricas mais robustas, como regressões quantílicas, e a avaliação do impacto de políticas regionais de incentivo à cultura. Além disso, seria aconselhável avaliar a distribuição espacial e a contribuição das instituições que ofertam cursos na área cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPER, N. O.; WASSALL, G.H. Artists' Careers and their labour markets. In: GINSBURG, A; THROSBY, D. (Ed.). **Handbook of the economics of art and culture**. Amsterdã: North-Holland, 2006. p. 812-864.

ALVES, Teresa. Gestão da Noite e Oportunidades de Desenvolvimento dos Territórios. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 1, n. 2, p. 4-42, 2011.

ARRUDA, C. L. R. **Profissão:** artista formação para a arte e sua relação com o ensino superior no Brasil. P 177 -194. In: Trabalho artístico e técnico na indústria cultural [recurso eletrônico] / organização Liliana R.P. Segnini, Maria Noel Bulloni; tradução Marisa Shirasuna; textos Maria Aparecida Alves et. al. – São Paulo : Itaú Cultural, 2016.

BARBOSA FILHO, F. H.; PESSÔA, S. Retorno da Educação no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 38, n. 1, abr. 2008a.

BARCELLOS, A.P. A economia criativa catarinense: uma análise do trabalho criativo em Santa Catarina**. Revista de Extensão e Iniciação Científica**,105. p. 69-87.

BARTH, M.; PINHEIRO, C. M. P. **A vida do criativo de Novo Hamburgo/RS:** Um estudo baseado em talento, tolerância e tecnologia. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 114-126, ago./dez. 2016.

BAUMOL, W.; BOWEN, W. **Performing arts:** the economic dilemma. Massachussets: Yale University Press, 1966.

BECKER, G. S**. Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis. Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, p. 9–49, out. 1962. ISSN 0022-3808. Disponível em: http://www.jstor.org/stable.

Becker, Gary S**. Human capital; a theoretical and empirical analysis, with special reference to education**. 2. ed., New York, Columbia University Press, 1975.

BECKER, Howard S. Mundos da Arte. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BENDASSOLLI, Pedro F.; WOOD JR., Thomaz. **O paradoxo de Mozart:** carreiras nas indústrias criativas. Organizações & Sociedade (Impresso), v. 17, n. 53, p. 259-277, 2010.

BENHAMOU, F. **A economia da cultura.** (Tradução: Geraldo Gerson de Souza)., Cotia: Ateliê Cultural, 2007.

BIANCHI, C. G.; FIGUEIREDO, J. C. B. **A Influência dos Mecanismos de Fomento no Processo de Internacionalização da Economia Criativa no Brasil:** o caso da APEX no setor de arquitetura. Administração Pública e Gestão Social, v. 1, p. 174-186, 2016.

BORGES, V. Artistas, organizações e mercados de trabalho artísticos: do teatro para os outros mundos da arte. In Villaverde, M.; Wall, K.; Aboim, S. e Silva, F. C. (Eds.), **Itinerários:** A investigação nos 25 Anos do ICS. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008, p. 523-538.

BORGES, V. **A arte como profissão e trabalho:** Pierre-Michel Menger e a sociologia das artes**.** Revista Crítica de Ciências Sociais, v.67. p. 129 – 134, 2003.

CARRIJO, B.C.P.S.; AMORIM, D. L.; PIRES, S. O.; MONSUETO, S. E. **Acesso de crianças a bens culturais: uma análise sobre os dados de estudantes da rede pública da região metropolitana de Goiânia.** In: VI Congresso de ALAP – Asociación Latino Americana de Población, 2014, Lima, Peru.

CARVALHO, A. P.; NÉRI, M. C.; NASCIMENTO SILVA, D. B. **Diferenciais de salários por raça e gênero no Brasil: aplicação dos procedimentos de Oaxaca e Heckman em pesquisas amostrais complexas.** In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 15, Caxambu, setembro, 2006.

CASACUBERTA, C. Multiple job holding: the artist's labor supply approach. **Applied Economics.** Reino Unido, v. 44, n. 3, p. 323-337, 2012.

Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). **Creative economy report 2010: a feasible development option.** Genebra: United Nations, 2010.

CAVALIERI, C. H. e FERNANDES, R. **Diferenciais de Salários por Gênero e Cor:** Uma Comparação entre as Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: Revista de EconomiaPolítica, vol.18, nº 1, Janeiro-Março 1998.

CEGOV – Centro de Estudos Internacionais sobre Governo. Workshop Atlas Brasileiro de Economia da Cultura no Ministério da Cultura. 2016.

CERQUEIRA, D. L. **Estratégias para elaboração do Teste de Habilidade Específica em Música.** In: Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) Nordeste. Fortaleza: UFC, 2012, p.465-473. Disponível em http://www.abemeducacaomusical.org.br/.

CONVÊNIO ANDRÉS BELLO (CAB). Siete cátedras para la integración. Bogotá, Convênio Andrés Bello, 2005, p.129-170.

CORAZZA, Rosana Icassatti (2013). **Criatividade, inovação e economia da cultura: abordagens multidisciplinares e ferramentas analíticas.** Revista Brasileira de Inovação, Campinas (SP), 12 (1), p.207–231, janeiro/junho.

COSTA, Ana Maria. O talento jovem, a internet e o mercado de trabalho da ―economia criativa. Psicologia & Sociedade, 23(3), 2011.

CUNHA, M. H. Formação do profissional de cultura: desafios e perspectivas. *Políticas Culturais em Revista.* Salvador, 1 (4), p. 95 – 105, 2011.

CUNHA, Maria Helena; FARIA, Patricia. Apontamentos sobre educação a distância e construções coletivas de conhecimento: a experiência do curso arte e espaço – uma situação política do século XXI. IN: Arte e Espaço: uma situação política do século XXI. OLIVEIRA, Bruno; CUNHA, Maria Helena; RENA, Natacha (org). Belo Horizonte: DUO Editorial, 2015 (virtual) e 2016 (impresso).

CUNNINGHAM, S. (2002). From cultural to creative industries: theory, industry, and policy implications. Media International Australia Incorporating Culture and Policy: Quarterly Journal of Media Research and Resources, 102, 54-65.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, 2005.

DILLEN, A. M. V. **What Happened to Autonomy?** Visual art practices in the creative industries era. . 259 p. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Cultura e Comunicação, University Rotterdam, Holanda, 2014.

DINIZ, S. Análise do consumo de bens e serviços artístico-culturais no Brasil metropolitano. 2009. Dissertação (Mestrado) UFMG, Faculdade de Ciências Página 67 de 220 Econômicas, Belo Horizonte, 2009.

DINIZ, S. C. e MACHADO, A. F. Análise do consumo de bens e serviços artístico-culturais no Brasil metropolitano. In: VII ENABER – ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS, 2009, 7., 2009, São Paulo. Anais. São Paulo: ENABER, 2009.

DUBIN, J. & MCFADDEN, D. (1984): **An Econometric Analysis of Residential Electric Appliance Holdings And Consumption.** Econometrica 52, 345-362.

DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de políticas públicas. São Paulo Perspectiva, v. 15, n. 2, São Paulo, abr./jun., 2001.

Feres Junior, J., & Agusto, C. L. (2013). **Liberalismo Igualitário e ação afirmativa: da teoria moral a política pública**. Revista de Sociología e Política , 21 (48), 85-99.

FERREIRA NETO, A. B.; FREGUGLIA, R. S.; FAJARDO, B. A. G. Determinação do potencial de desenvolvimento cultural dos estados brasileiros. Economia Aplicada, Aracaju, v. 16, n. 1, p. 49-76, 2012.

FIRJAN. **Economia Criativa.** Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: . Acesso em: 4 jul. 2016.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 9, n. 1, p. 155 – 175, 2011.

GIUBERTI, A. C.; MENEZES-FILHO, N. **Discriminação por gênero:** uma comparação entre Brasil e os Estados Unidos. Economia Aplicada, Ribeirão Preto,v. 9, n. 3, p. 369-384, jul./set. 2005.

GREENE, William H. **Econometric Analysis.** 5. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

HECKMAN, J.J. Sample selection bias as a specification error, Econometrica. **Econometric Society**, Chicago, v. 47 n.1, p. 153-161, 1976.

HENRIQUES, R. 2001. **Desigualdade racial no Brasil: a evolução das condições de vida na década de 90**. (Texto para discussão n. 807).

HOWKINS, J. **The creative economy:** how people make money from ideas. [S.l.]. Penguin, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Geociências. Rio de Janeiro: IBGE; Censo 2010 2011-2013. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra/resultados_gerais_amostra_tab_uf_microdados.shtm <acesso em: 04 de abril de 2016>.

KELLER, Paulo Fernandes. **O Trabalho Imaterial do Estilista:** a Produção de Moda e a Produção de Roupa. In: Encontro Anual da ANPOCS, 31º, 2007. Minas Gerais. Disponível em: . Acesso em 19 jul.2016.

KEFLER, P. F. **Artesanato:** Trabalho, economia e sociedade. P.229 – 245. In: Trabalho artístico e técnico na indústria cultural [recurso eletrônico] / organização Liliana R.P. Segnini, Maria Noel Bulloni; tradução Marisa Shirasuna; textos Maria Aparecida Alves et. al. – São Paulo : Itaú Cultural, 2016.

LABRONICI, L. M. et al. Perfil da violência contra mulheres atendidas na Pousada de Maria. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 126-133, mar. 2010.

LANGONI, C. G. **As Causas do Crescimento Econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: Apec, 120p., 1974

LIMA, C. L. C. Debate sobre indústrias criativas: uma primeira aproximação para o Estado da Bahia. **Revista do DESENBAHIA**, Salvador, n.5, p. 103-130. set. 2006.

LIMA, L. P. B.; ORTELLADO, P.; SOUZA, V. **O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do Estado no campo da cultura.** In: Anais... Seminário internacional – Políticas Culturais, 4. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: Acesso em: 12 de mar. 2017.

MACHADO, R. M. Da indústria cultural à economia criativa. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 9, n.18, p. 83-95, jan./jun. 2009.

MACHADO, A.F.; RABELO, A.; MOREIRA, A.G. **Specificities of the artistic cultural labor market in Brazilian metropolitan regions between 2002 and 2010.** J Cult Econ (2014) 38:237–251.

MACHADO, A. F.; MENEZES, T; DINIZ, S. C. *Perfil dos consumidores de cinema no Brasil metropolitano,* 2011. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (RBERU).** Vol. 05, n. 1, pp. 33-43, 2011.

MARCONDES, Willer Baumgartem et al. O peso do trabalho" leve" feminino à saúde. **São Paulo em perspectiva**, v. 17, n. 2, p. 91-101, 2003.

MARÇAL,M.C.C; MELLO,S.C.B.; CORRÊA,M.I.S.; SOUZA, A.C.R. **A experiência do primeiro ano de institucionalização da política pública "economia criativa" em Pernambuco**. Políticas Culturais em Revista, 2(7), p; 228-248, 2014.

MARKUSEN, A.; WASSAL, G., DENATALE, D., COHEN, R. Defining the Creative Economy: industry and occupational approaches. Economic Development Quarterly, Clevelend, v. 22, n.1, p. 24-45, 2008.

MATOS, R.S. e MACHADO, A.F. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001), Econômica, Niterói, v. 8, n. 1, p. 5-27, 2006.

MENGER, P. Artistic Labour Markets: Contingent Work, Excess Supply and Occupational RiskManagement. In: GINSBURG, A; THROSBY, D. (Ed.) **Handbook of the economics of art and culture.** Amsterdã: North-Holland, 2006. p. 765-811.

MENEZES-FILHO, N. A. **Apagão de Mão de Obra Qualificada? As profissões e o mercado de trabalho brasileiro entre 2000 e 2010.** São Paulo: Centro de Políticas Públicas do Insper (Policy Paper n. 4), dez. 2012.

MENEZES-FILHO, N., et al. **O impacto do ensino superior sobre o trabalho e a renda dos municípios brasileiros.** São Paulo: Centro de Políticas Públicas do Insper, 2016. (Policy Paper n. 6).

MINCER, J. **Schooling, Experience, and Earnings**. New York: Columbia University Press, 1974. 152 p.

MIRO, V. H., SULIANO, D. C. **Discriminação de rendimentos por gênero e raça a partir de realidades socioeconômicas distintas.** In: Encontro de Economia do Ceará em Debate, 5., 2009, Fortaleza. Anais... Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Fortaleza, 2009.

NASCIMENTO, Lerisson Christiam. Profissionalismo: expertise e monopólio no mercado de trabalho. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 2, n. 1, 2007.

NEWBIGIN, J. **A economia criativa: um guia introdutório.** British Concil, Londres, 2010.

OAXACA, R. L. Male – Female differentials in urban labor market. **International Economic Review**, Pensylvania, v. 14, n. 3, p. 693-709, 1973.

OLIVEIRA, A. M. H. C.; RIOS-NETO, E. L. G. **Tendências da desigualdade salarial para coortes de mulheres brancas e negras no Brasil.** Estudos Econômicos,São Paulo, v. 36, n. 2, p. 205-236, abr./jun. 2006.

OLIVEIRA, P.G.G; RIBEIRO, R.A.; CABRAL, A.C.A.; SANTOS, S.M. **Economia criativa e o empreendedorismo no Ceará: um estudo de campo em uma empresa de design**. Revista Brasileira de Gestão e Inovação – Brazilian Journal of Management & Innovation v.3, n.2, Janeiro/Abril – 2016.

PROCOPIUCK, M.; FREDER, S. M. **Políticas Públicas e Fomento à economia criativa:** Curitiba e contexto nacional e internacional. In: SEMINÁRIO DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO, 1., 2013, Curitiba. Anais... Curitiba, Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Programa de Planejamento e Governança Pública, 2013.

POPOVIC, M. e RATKOVIC, K. **Oversuply of Labor and Peculiarites of Arts Labor Market.** Alemanha: Leibniz Information Centre for Economics, 2013. 29 p.

REIS, A. C. F. (Org.). Transformando a criatividade brasileira em recurso econômico. In: _____. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento.** São Paulo: Garimpo de Soluções e Itaú Cultural, 2008, p. 126-142.

ROTENBERG, Lúcia et al. Gênero e trabalho noturno: sono, cotidiano e vivências de quem troca a noite pelo dia Gender and night work: sleep, daily life, and the experience of night shift workers. **Cad. Saúde Pública**, v. 17, n. 3, p. 639-649, 2001.

SALVATO,M. A.; MARIA, T. F. S.; CARDOSO, M. B. R. C.; MOREIRA, S. A. M. **Mercado de Trabalho em Minas Gerais e Bahia:** Considerações Sobre Uma Análise Da Discriminação De Raça E Gênero, in: Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira.Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

SANTOS,H.H.O. **Moda e economia criativa: políticas culturais no Brasil contemporâneo**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 50, N. 3, p. 194-205, set/dez 2014.

SARRIERA, Jorge Castellá *et al.*. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 3, p. 361-367, 2007.

SEGERS K; HUIJGH, E. Clarifying the complexity and ambivalence of the cultural industries. Gent (Bèlgica) : Steunpunt Re-Creatief Vlaanderen,n.2 , 2006. 17 p.

SEGNINI, Liliana; SOUZA, Aparecida Neri. Trabalho e Formação no Campo da Cultura: professores, músicos e bailarinos. São Paulo: 2007. mimeo. (Projeto de pesquisa FAPESP).

SEGNINI, L. R. P. Relações de gênero nas profissões artísticas: comparação Brasil-França. In: In: Costa, A. O.; Sorj, B.; Bruschini, C.; Hirata, H. (org.) **Mercado de trabalho e gênero** – comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, vol. 1, p. 337-354, 2008.

SEGNINI, Liliana R. P. **Os músicos e seu trabalho:** diferenças de gênero e raça. Tempo Social (USP. Impresso), v. 26, p. 75-86, 2015.

SEGNINI, Liliana R. P. **Música, dança e artes visuais:** especificidades do trabalho artístico em discussão. In: Trabalho artístico e técnico na indústria cultural [recurso eletrônico] / organização Liliana R.P. Segnini, Maria Noel Bulloni; tradução Marisa Shirasuna; textos Maria Aparecida Alves et. al. – São Paulo : Itaú Cultural, 2016 In: Trabalho artístico e técnico na indústria cultural [recurso eletrônico] / organização Liliana R.P. Segnini, Maria Noel Bulloni; tradução Marisa Shirasuna; textos Maria Aparecida Alves et. al. – São Paulo : Itaú Cultural, 2016.

SEMENSATO, C. **Problematizações acerca do conceito "economia criativa" e da sua inserção na sociedade da informação.** Anais do IV Seminário Internacional de Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

SERRA, N.; FERNANDEZ, R. S. **Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas.** Revista de Administração e Inovação - RAI, n. 11, v. 4, p. 355, 2014.

SHISKO, R., e ROSTEKER, B. The economics of multiple job holding. **American Economic Review**, 66, 298-303, 1976.

SIMIS, Anita. **A política cultural como política pública.** In: RUBIM, Albino (Org.). Políticas Culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 133-155.

SOARES, S. S. D. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho**: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Brasília: Ipea, nov. 2000 (Texto para Discussão, n. 769).

SOUZA. M.M.P; CARRIERI, A.P. **A arte de (sobre)viver coletivamente: estudando a identidade do Grupo Galpão.** R.Adm., São Paulo, v.48, n.1, p.07-20, jan./fev./mar. 2013.

SOUZA. P.F.L; SALVATO. M.A; FRANÇA.J.M.S. **Ser mulher e negro no Brasil ainda leva a menores salários? Uma análise de discriminação para Brasil e regiões: 2001 e 2011**. In: Anais do Encontro ANPEC, 2013.

SOUZA, Giane Maria. **A cultura como direito constitucional: contribuição para um debate teórico metodológico.** Cultura e Sociedade. v. 30, n. 46, Jun/2017. P. 9 – 20.

TERUYA, Fabio Soares. Investigações sobre parâmetros para avaliação de altas habilidades em música. ANAIS DO ENCONTRO NACIONAL DO CONCELHO BRASILEIRO PARA SUPERDOTAÇÃO, 5., 2012. Disponível em: Acesso em: 05 de maio de 2017.

TOLILA, P. **Cultura e Economia:** problemas, hipóteses, pistas. São Paulo: Iluminuras Itaú cultural, 2007. 140 p.

THROSBY, D. A work-preference model of artist behavior. In: Peacock, A. and Rizzo, I. (eds.). **Cultural economics and cultural policies**. p. Kluwer, 1994. 69-80 p.

TOLILA, P. **Cultura e Economia:** problemas, hipóteses, pistas. São Paulo: Iluminuras Itaú cultural, 2007. 140 p.

TOWSE, R. Human Capital and artists' labour markets. In: GINSBURG, A; THROSBY, D. (Ed.) **Handbook of the economics of art and culture.** Amsterdã: North-Holland, 2006. p. 865-894.

ULYSSEA, G. Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura. **Revista de Economia Política**, vol. 26, nº 4, p. 596-618, out.-dez. 2006.

VIRGNIO, B. S. S. P. **Profissões artísticas:** O executante musical enquanto trabalhador**.** 2015. 115f. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra.

WASSAL, G. H. e ALPER, N. O. **Towards a unified theory of the determinants of the earnings of artists**, In: Cultural Economics. Heidelberg: Springer-Verlag, 1992. 293 p.

YÚDICE, G. **Economia da Cultura no Marco da Proteção e Promoção da Diversidade Cultural. Seminário Internacional da Diversidade Cultural.** Ministério da Cultura do Brasil, Brasília, 2007. Disponível em:< http://works.bepress.com/george_yudice/4/>. Acesso em: 14 maio 2017.

Apêndice 1 – Ocupações definidas como cultura

Código	**Ocupação**
2161	Arquitetos de edificações
2162	Arquitetos paisagistas
2163	Desenhistas de produtos e vestuário
2166	Desenhistas gráficos e de multimídia
2641	Jornalistas
2651	Artistas plásticos
2652	Músicos, cantores e compositores
2654	Diretores de cinema, de teatro e afins
2655	Atores
2656	Locutores de rádio, televisão e outros meios de comunicação
2659	Artistas criativos e interpretativos não classificados anteriormente
7313	Joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos
7314	Ceramistas e afins (preparação e fabricação)
7315	Cortadores, polidores, jateadores e gravadores de vidros e afins
7316	Redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores
7317	Artesãos de pedra, madeira, vime e materiais semelhantes
7318	Artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes
7319	Artesãos não classificados anteriormente
7531	Alfaiates, modistas, chapeleiros e peleteiros
7532	Trabalhadores qualificados da preparação da confecção de roupas
7533	Costureiros, bordadeiros e afins
7534	Tapeceiros, colchoeiros e afins
7535	Trabalhadores qualificados do tratamento de couros e peles

Fonte: elaboração própria baseado nos anexos do IBGE 2010.